



# Ministério

*Adventista*



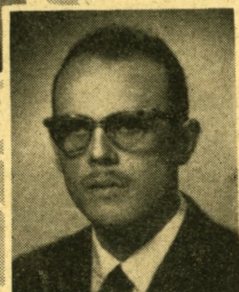
Janeiro-Fevereiro de 1965

# O Ministério Adventista

*Saúda seus leitores,*

*manifestando o vivo desejo de  
que o Senhor lhes conceda*

*feliz e próspero 1965!*



O MINISTÉRIO ADVENTISTA tem por finalidade servir de vínculo entre todos os homens e mulheres de língua portuguesa, na Divisão Sul-Americana, irmanados pelo elevado ideal de ganhar almas para Cristo.

Subpastôres do Mestre! Que o ano de 1965 fique gravado nos anais da história do evangelismo em virtude dos grandes e audaciosos empreendimentos levados a efeito em favor de Cristo, o Pastor por excelência!

Ponham a "alma em mais íntima comunhão com Deus, mediante fervorosa oração misturada com fé viva."

Estejamos prontos para testemunhar do Salvador "em qualquer oportunidade que se apresente — perante grandes congregações, e nos círculos privados, pelo caminho e ao pé da lareira, a amigos e inimigos, quer em segurança, quer expostos a agruras e perigos, vitupérios e preconceitos."

Oremos, preguemos, ensinemos, escrevamos e vivamos o cristianismo de tal maneira que os objetivos da missão que nos foi confiada pelo Senhor possam ser cumpridos.

"Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura. Quem crer e fôr batizado será salvo. . . ." "Eis que estou convosco todos os dias até à consumação dos séculos."

J. J. Aitken; Enoch de Oliveira; B. E. Schuenemann; Arturo E. Schmidt; N. G. Conrado; E. Lang.





# Ilustrações

Órgão publicado bimestralmente pela  
 Associação Ministerial da Igreja Adventista do  
 Sétimo Dia  
 Editado pela  
 Casa Publicadora Brasileira  
 Santo André, São Paulo

Diretor — Enoch de Oliveira  
 Gerente — Bernardo E. Schuenemann  
 Redator responsável — Naor G. Conrado  
 Colaboradores especiais:  
 J. J. Aitken e A. E. Schmidt

<b>Brasil</b>	
Assinatura Anual .....	Cr\$ 500,00
Número Avulso .....	Cr\$ 85,00
<b>Estrangeiro</b>	
Assinatura Anual .....	US\$ 2,00
Número Avulso .....	US\$ 0,35

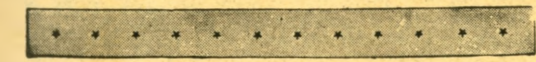


Ano 31 No. 1

## NESTE NÚMERO

CAPA: © Review and Herald.

<b>O MINISTÉRIO ADVENTISTA SAÚDA SEUS LEITORES</b>	<b>2</b>
<b>ILUSTRAÇÕES</b>	
“Habita Cristo Aqui?” .....	3
Transformados Pela Contemplação .....	3
O Registro de Duas Vidas .....	7
Cristo Exige o Que nos É Mais Precioso .....	13
<b>EDITORIAL</b>	
Mundo Faminto .....	4
<b>ARTIGOS GERAIS</b>	
Como Faço um Chamado ao Altar .....	5
Pregar Para Obter Decisões .....	8
Decisões no Lar .....	10
<b>OBRA PASTORAL</b>	
O Que o Membro Leigo Espera do Pastor .....	12
<b>PESQUISA — TEOLOGIA, HISTÓRIA, CIÊNCIA</b>	
Informações Úteis a Respeito do Credo .....	14
Cristo Nosso Senhor — III .....	17
Um Dicionário e os Adventistas .....	20
<b>PERGUNTAS SOBRE DOUTRINA</b>	
Princípios Básicos de Interpretação Profética (Continuação) .....	21
<b>NOTÍCIAS — DA IMPRENSA</b> .....	24



## “Habita Cristo Aqui?”

“O bispo Carlos L. Slattery conta ter ouvido a seguinte história numa pequena igreja da França.

Chegara um nôvo pastor à aldeia, o qual fez uma visita a certa cabana. Mais tarde, ao voltar do trabalho o chefe da casa, disse-lhe a espôsa:

- O nôvo pastor estêve aqui hoje.
- Que foi que êle disse? indagou o homem.
- Oh, perguntou: ‘Habita Cristo aqui?’ e eu não soube o que responder — mencionou ela.

O semblante dêsse senhor enrubescceu.  
 — Por que você não declarou que éramos pessoas respeitáveis? inquiriu êle.

— Bem, eu poderia ter dito isso; mas não condizia com a pergunta feita — replicou a espôsa  
 — Por que não afirmou então que fazíamos oração e líamos a Bíblia?

— Mas êle não me perguntou isso.

O homem ficava cada vez mais perturbado. Afinal indagou ainda:

— Por que não disse que sempre íamos à igreja?

A pobre senhora prorrompeu em soluços:

— Também não era o que êle desejava saber. Sua pergunta foi apenas: ‘Habita Cristo aqui?’

Durante muitos dias êsse casal ponderou sôbre o significado da indagação feita pelo circunspeto pastor. Pouco a pouco sua vida foi-se modificando. Começaram a encarar a Cristo, não como um Personagem inanimado, mas como Alguém gloriosamente real. E de algum modo, sem saberem explicá-lo, ... acabaram conhecendo-O. Êle realmente passou a habitar ali!” — *Moody Monthly*, citado por Francis McLellan Wilcox, em *The Early and Latter Rain*.

## Transformados Pela Contemplação

Dannecker, o grande escultor alemão, passou oito anos cinzelando o rosto de Cristo. Conseguiu afinal que os sentimentos de amor e tristeza estivessem mesclados de maneira tão perfeita que os espectadores choravam ao contemplá-lo.

Pouco depois, quando lhe pediram que utilizasse seu grande talento para esculpir uma estátua de Vênus, replicou: “Crêem vocês que após contemplar durante tanto tempo o semblante de Cristo, posso dedicar minha atenção a uma deusa pagã?”

Este é o verdadeiro segredo para desprender-se dos ídolos mundanos, “o poder expulsivo de um nôvo afeto”. — Dr. A. J. Gordon, citado em *El Ministerio Adventista*.



# Mundo Faminto

ENOCH DE OLIVEIRA

Três espécies de fome atingem de maneira dramática a geração contemporânea.

Enquanto preparamos este Editorial, com a imaginação podemos contemplar enormes massas humanas envolvidas dentro do círculo de ferro da fome. São milhões de homens, mulheres e crianças que, com mãos débeis e trêmulas, seguram um prato vazio, símbolo expressivo da miséria e fome que ameaçam a paz social.

"Nesta noite — declarou pateticamente o senador chileno Rodomiro Tomic — 130 milhões de criaturas de toda a América Latina fecharão os olhos com fome, com fome física de pão!" — Revista Eclesiástica Brasileira, vol. 22, pág. 507.

"Na Índia, na Indonésia, África e outras áreas subdesenvolvidas, morrem anualmente 30 milhões de pessoas... Nas grandes cidades da Índia, de manhãzinha percorrem as ruas milhares cuja função é transportar os miseráveis que durante a noite morreram nas sarjetas, vítimas da fome e da exaustão..." — Kraft und Licht, 11/3/62.

Mas, por estranho que pareça, em um mundo onde milhões de pessoas não podem obter sequer uma refeição por dia, o Mercado Comum Europeu sofre as conseqüências de uma surpreendente abundância de alimentos.

Os camponeses de Valenciennes, na França, levaram seus caminhões para a frente da Prefeitura, e descarregaram, na rua, quatro toneladas de batatas sem comprador.

Em Villedubert, nas cercanias de Toulouse, grupos de vinhateiros lançaram enxofre na rodovia 113, e atearam-lhe fogo para chamar atenção para o excesso de produção vinícola.

Chcacreiros holandeses, na praça do mercado de Endhoven, destruíram 1.600.000 pepinos, porque não conseguiram um preço compensador.

Camponeses do Palatinado, em Lambsheim, Alemanha Ocidental, realizaram uma reunião de protesto contra o Governo, porque não encontraram compradores para 300 mil quilos de fei-

jão. Com veemência, disse, nesta reunião, um dos oradores: "Os camponeses da Alemanha estão sendo sacrificados no altar de uma Europa maior!"

Quão paradoxal é o nosso século! O Mercado Comum Europeu, ameaçado pela superabundância de alimentos, enquanto milhões de desventuradas criaturas, em diferentes partes do mundo, vivem o drama brutal que resulta da ausência de pão!

A outra fome que caracteriza a geração atual, é a fome da mente — uma fome por idéias, por ideologias, pela verdade.

Com efeito, assistimos em nossos dias, a uma febril e tumultuosa eclosão de idéias e doutrinas, representadas nos multiformes "ismos": humanismo, positivismo, materialismo, racionalismo, marxismo, existencialismo, evolucionismo, freudismo, e seus inúmeros congêneres.

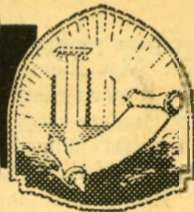
Essa profusão extraordinária de doutrinas e dialéticas, constitui uma resposta a esta fome voraz de novas idéias.

Existem, em nossos dias, 500 milhões de analfabetos entre as idades de 15 e 50 anos. Entre estes milhões que não sabem ler, a fome da mente se manifesta de maneira mais intensa. Unidos eles se erguem agora, clamando por escolas, exigindo o direito de serem instruídos.

Atendendo este veemente clamor a UNESCO iniciou recentemente uma gigantesca campanha, de âmbito internacional, tendo como objetivo alfabetizar, dentro de um lustro, 350 milhões destes 500 milhões de iletrados. Esta é, sem dúvida, uma extraordinária realização.

Há uma terceira espécie de fome — a fome do coração, por amor. O homem necessita sentir que é apreciado, que é amado. Sim, ele necessita alguém para amar. Sem que esta fome seja satisfeita, o ser humano se embrutece e se animaliza.

(Continua na pág. 16)



## Como Faço Um Chamado ao Altar

ROLANDO R. HEGSTAD

Redator da Revista *Liberty*



**P**OR que irá o redator da revista *Liberty* escrever sobre a técnica de fazer chamados ao altar? Que sabe êle acêrca dêste *sine qua non* evangelístico?

Em primeiro lugar, o importante é que êle os faz. E, como pastor e evangelista, tem batizado pessoas em resultado

disto. Também efetua chamados ao altar durante a Semana de Oração no ginásio ou colégio, ou em meio a uma série de sermões de reavivamento, que procura proferir uma ou duas vêzes ao ano.

Além disso, pode fazer um chamado ao altar enquanto promove a revista *Liberty* no sábado de manhã. Recentemente, numa de nossas maiores igrejas, efetuou êle determinado apêlo no fim da lição da escola sabatina, que versava sobre a justificação. E aquela manhã foram tomadas algumas decisões muito necessárias.

Deixemos agora de referir-nos à terceira pessoa e falemos com mais intimidade. Compreendi-me, por bondade. Não irei fazer um amplo estudo sobre os chamados ao altar. Mencionarei simplesmente certas convicções que sigo ao fazer apelos, e salientarei o fato de que bem sucedidos chamados ao altar exigem tato pessoal.

1. *Procuo não esquecer que o Espírito Santo deve ser o agente que leve as almas ao altar.* Digo deve ser, pois a pena inspirada declara que Satanás também possui seus conversos em cada reunião! Usando as técnicas de Satanás — a jocosidade, lisonja, adulação, pressões sociais, apelos ao orgulho, avareza, posição social, temor — podemos esperar aumentar sua congregação, não a do Senhor.

É essencial que nos ponhamos ao lado de Cristo, usando Seus métodos — a seriedade, franqueza, ternura, amor, segurança, encorajamen-

to, razão, sensibilidade — e implorando às pessoas que se reconciliem com Deus. Se acaso existe algum lugar para o humorismo no sermão, não o é durante o chamado ao altar. *Seriedade*, por favor! Estão ocorrendo decisões que afetam o universo. Espectadores de outros mundos observam o que se passa com ansioso interesse. O Filho de Deus intercede perante o Pai. O Espírito Santo intercede nos corações. Como embaixadores de Cristo, devemos transmitir o convite, levar o ouvinte até ao "limiar" e ajudá-lo a abrir a porta à batida do Salvador. Nesta obra não nos compete usar o Espírito, mas sim deixar que o Espírito nos use a nós, ao trabalharmos em cooperação com Êle.

2. *Não sigo uma forma preestabelecida.* Tampouco determino sempre qual o aspecto que deve assumir a reação por parte dos presentes. Como é óbvio, preparo e organizo o sermão para obter uma resposta específica. A experiência me diz que posso esperar essa resposta. Somente Deus, porém, conhece os corações; às vêzes tive de abandonar meus planos para um chamado ao altar — e até o sermão que intencionava pregar — devido a perceber que um apêlo não seria propício.

A sensibilidade à necessidade da congregação advém da experiência com Deus e a pregação. No começo do meu ministério era eu inadaptável; quando, por exemplo, dava estudos bíblicos filmados, limitava-me a uma aproximação rígida. Agora procuro sentir a receptividade do povo e aproveitar-me das providências divinas.

Faz algum tempo, numa grande igreja da parte ocidental dos Estados Unidos, encontrei o povo tremendo de frio. O tanque de óleo fôra enchido durante a semana, mas a igreja estava gelada. Pouco antes do sermão, um ancião segredou-me que havia sido descoberto um vazamento no tanque. Este estava vazio. O povo veio encontrar-se com Deus numa igreja aquecida; encontraram-nO numa igreja fria. Eu vie-

ra para pregar sobre a liberdade religiosa, e o fiz. Mas abordei o assunto através da parábola das virgens néscias, a uma congregação desagradavelmente cônica da necessidade de haver óleo em suas lâmpadas. Teríeis deixado passar a oportunidade de fazer um chamado ao altar?

Exatamente antes da escola sabatina numa igreja do Sul dos Estados Unidos, o carro dum membro foi abalroado ao dirigir-se para o ponto de estacionamento. Este senhor, sua esposa e filhos foram levados embora de ambulância, não se sabendo até que ponto haviam sido feridos. (Os ferimentos não foram graves.) Aquela manhã eu tinha de falar. Não preguei, porém, o sermão que preparara. Passei a hora da escola sabatina aprontando um assunto novo. Talvez aquela congregação nunca mais seja tão receptiva às lições do texto que escolhi: "Hoje, se ouvirdes a Sua voz, não endureçais os vossos corações." Heb. 3:15. Naturalmente, houve um apelo no fim.

Em outras palavras, o chamado ao altar não deve ser simplesmente uma ocorrência rotineira, uma obrigação perfunctória imposta à congregação, mas antes a consequência de sentir a providência divina, de observar a obra do Espírito Santo nos corações.

Precisamos reconhecer, no entanto, que cabe ao pregador desempenhar uma parte vital em preparar a congregação para o chamado ao altar. Eis aqui um método que tenho usado com êxito:

3. *No início do sermão, mencione que resposta irei solicitar.* Comecei a fazer isto depois de notar que é eficaz para levantar fundos. "As pessoas precisam de tempo para vencer a resistência da carteira", disse-me Cirilo Miller, atual presidente da Associação Chesapeake e muito bem sucedido angariador de fundos. "Logo no começo do sermão, convém fazer-lhes saber o que se espera deles."

Por que não haveria o mesmo método de servir para os chamados ao altar? Experimentai algo parecido com isto: "Hoje à noite saireis deste auditório como novas pessoas, andando com o passo aliviado, sem o fardo do pecado. Tal qual sucedeu com Cristo no livro *O Peregrino*, deixareis o vosso fardo junto à cruz. Escreve Bunyan: "Quão aliviado e jubiloso ficou Cristo!" Hoje à noite pretendo convidar-vos a vir à frente. O Espírito Santo impressionar-vos-á o coração e atendereis ao apelo." Refiro-me à resposta que desejo, várias vezes durante o sermão.

Descobri ser esta preparação valioso auxílio quando prego com tempo limitado—especialmente aos sábados de manhã. Em certo sentido, todo o sermão se torna um chamado ao altar. Não é necessário haver um apelo demorado.

Ouvi o pastor Chalmers, da Associação Kentucky-Tennessi, fazer algo semelhante. Antes do sermão, por meio de algumas palavras bem es-

colhidas e pronunciadas com segurança, torna conhecida ao povo a bênção que receberão do assunto a ser apresentado. Palavras de certeza condicionam o auditório para aguardar uma bênção. Por que deixá-los em dúvida durante a primeira hora do sermão, quanto à bênção que se espera recebam, e quanto à maneira em que se deseja que indiquem sua recepção?

4. *Nem sempre declaro no início do sermão de apelo o que pretendo solicitar aos presentes.* Isto é verdade quando o tempo não é fator que influi e a espontaneidade é desejável, ou quando faço um apelo progressivo. O apelo progressivo mostra-se especialmente eficaz pelo fato de levar o ouvinte ao altar por meio de um convite inicial (que ele julga final), a que se pode atender com facilidade. Rúben Engstrom, pastor duma de nossas igrejas na Califórnia e veterano evangelista, é mestre nisto. Depois de preparar cuidadosamente o povo e de conduzi-lo à oração, pode ser que ele sugira, quase casualmente, que talvez alguém deseje alcançar vitória sobre algum problema específico. "Quem gostaria de levantar a mão?" Daí: "Não gostaria de mostrar a Deus vossa necessidade e determinação, levantando-vos calmamente onde vos encontrais?" Em seguida: "Apreciaria orar especialmente pelos que indicaram estar cômicos de sua necessidade e do poder de Deus para salvar. Não quereis dirigir-vos quietamente através do corredor, até o altar?" Foi após observar o pastor Engstrom em ação, bem cedo no meu ministério, que notei quão ásperos e abruptos eram alguns de meus apelos.

De vez em quando, faço exatamente o contrário: Saliento quão difícil é fazer uma entrega pública. "Levantar-se sozinho, ousar render testemunho público, exige coragem; à luz do Calvário, porém, pode-se dizer que algum testemunho é demasiado difícil de ser feito em consideração ao nosso Senhor?" Acho esta maneira particularmente apropriada para os jovens do ginásio, perto do fim da Semana de Oração.

5. *Procuro não embaraçar os membros ou os que não são membros, evitando pô-los em dificuldade.* Lembro-me duma reunião a que assisti numa igreja protestante, na qual o evangelista ordenou que os ouvintes fechassem os olhos. "Posso envolver-vos em dificuldades se não o fizerdes," ameaçou ele mandando em seguida os diáconos chavar as portas, para que ninguém pudesse sair enquanto ele fazia o seu apelo! Não há dúvida que permaneci sentado todo esse tempo, mas não prestei atenção. Tampouco tornei a ir lá.

Podemos causar embaraço aos que não pertencem à igreja, tornando-os alvo de considerações especiais. Instar com um visitante para ir à frente é perigoso. Fazendo-se isto judiciosamente, é possível obter uma decisão. Realizo-o apenas com os visitantes que conheço bem, e dos

quais tenho a impressão de que responderão favoravelmente. Com freqüência, as pessoas a quem se apelou daquela maneira recusam vir outra vez.

Nossos membros também se podem sentir embaraçados se coagirmos os amigos que animaram a estar presentes. Recentemente, disse-me um profissional que jamais tornaria a convidar alguém para as reuniões do pastor —————. "As conferências não vinham sendo bem freqüentadas, e êle parecia sentir que sua reputação estava em jôgo," declarou o membro. "Constrangeu desapiedadamente as pessoas. Meus amigos ressentiram-se de seus apelos." Outros membros da igreja declararam a mesma coisa.

Prefiro que alguém volte para casa sem se haver submetido, mas ainda favorável e suscetível às minhas visitas e apelos, a vê-lo retirar-se com o coração fechado.

6. *Falo bem pouco durante um chamado ao altar.* Nestes dias de movimentos frenéticos, por parte dos anunciadores de rádio e televisão, aos quais uma pausa é anátema, inclinamo-nos a sentir que o silêncio indica incompetência do pregador. Não o creiais! Observai Jorge Vandeman durante um apêlo prolongado — que todos nós deveríamos fazer uma ou duas vezes durante uma série de conferências. Quase não se nota que êle está no púlpito. Mas em meio à quietude, ver-se-á evidências de que o Espírito Santo está operando. Expressões como "Deus te abençoe, meu filho!" ou "Sim, vinde! Deus vos contempla as lágrimas e Se encontra ao vosso lado", servirão para que aquêles que estão orando para alcançar a vitória saibam que outros se dirigem à frente. Passai três, quatro ou cinco minutos sem proferir uma palavra. Hinos que apelam, tocados suavemente, são impressionantes. Lede alguns versículos das Escrituras (Oséias 11:1-4; Isa. 53), de maneira vagarosa, solene e apropriada. Um versículo das Escritu-

ras vale mais do que mil palavras bem escolhidas.

7. *Faço chamados ao altar.* Isto é o mínimo a que se pode chegar, pois o meio de fazer um chamado ao altar, afinal de contas, é fazê-lo. Gostaria de convidar-vos a participar comigo do ministério do altar.

Da maneira como tenho ouvido alguns falarem em suas igrejas, não é de admirar que se percam muitas oportunidades áureas para apelar que homens e mulheres tomem novas decisões.

"Em tôda congregação há almas hesitantes", diz a irmã White, "quase persuadidas a se entregar inteiramente a Deus. A decisão está sendo tomada para o tempo e a eternidade; mas muitas vezes se dá o caso de não ter o ministro o espírito e o poder da mensagem da verdade em seu próprio coração, daí a razão de não serem feitos apelos diretos a essas almas que tremem na balança. O resultado é que as impressões não são aprofundadas no coração dos que se acham convictos; e se retiram da reunião sentindo-se menos inclinados a aceitar o serviço de Cristo, do que quando vieram. Resolvem esperar por uma oportunidade mais favorável, mas esta nunca ocorre." — *Testimonies*, Vol. 4, pág. 447.

Há almas que sofrem derrotas. Almas que se cansaram da luta. Almas que acharam muito pesado e doloroso carregar a cruz, e que a deuseram ao solo. Ainda continuam a freqüentar a igreja. Olham para vós, orando e esperando receber encorajamento e um convite para começar de nôvo. Houve ocasiões em que tenho orado: "Senhor, ajuda o ministro a fazer um apêlo. Preciso tomar uma nova decisão."

Olhai para vosso rebanho no próximo sábado. Quanto tempo faz que atendestes à suas súplicas pela terapia da entrega pública? Deixá-los partir sem se submeterem a Deus perante o vosso altar?

## O Registro de Duas Vidas

Há bastante tempo, faleceu na Europa um homem com setenta e três anos de idade, que aos dezoito anos começara a manter um diário... Êste diário foi publicado, e constitui impressionantíssimo comentário sobre a vida duma pessoa meramente mundana. Nêle acha-se registado que em cinqüenta e dois anos aquêle senhor fumou 628.715 cigarros, dos quais recebeu 43.692 de presente, enquanto pelos restantes 585.023 pagou 10.433 dólares. Neste mesmo período de tempo ingeriu 28.786 copos de cerveja e 26.085 copos de outras bebidas alcoólicas, que lhe custaram 5.350 dólares.

"O diário termina com estas palavras: 'Experimentei tôdas as coisas; acompanhei grande número delas; nada realizei.'

"Não se poderia pregar mais vigoroso sermão do que confrontar êste testemunho com o do apóstolo Paulo, o grande missionário: 'Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé. Desde agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo Juiz, me dará naquele dia.' — citado por F. M. Wilcox, em *The Early and Latter Rain*.

# Pregar Para Obter Decisões

E. C. WARD

Evangelista em São Diego, Califórnia



**“E**SCOLHEI hoje a quem sirvais.” Josué 24:15. Obter decisões para Cristo é o mais importante designio e objetivo do ministério evangélico. Mesmo que seja excelente orador e administrador, se o ministro deixar de conseguir positivas decisões para a mensagem que transmite, será como o piloto que conhece as leis da aeronáutica, navegação e controle atmosférico, mas que faz uma aterragem desastrosa toda vez que tenta levar seus passageiros a um pouso seguro. Não se pode tolerar que na folha de serviço dum piloto comercial haja uma série de aterrissagens mal sucedidas; tampouco é possível admitir que o ministro do evangelho pregue uma série de sermões durante anos, meses ou semanas, produzindo pouco ou nenhum resultado. Esta espécie de atuação pode mostrar-se desastrosa tanto para o piloto e os passageiros, como para o pregador e os ouvintes.

## Espécies de Decisões

As decisões do púlpito via de regra são divididas em duas classificações. Em primeiro lugar, temos a decisão improvisada — usada geralmente pelos evangelistas populares e operadores de cura do tempo atual, que exigem uma decisão imediata.

Expressões como estas: “Vinde, dai a mão ao pregador e o coração a Deus”; “Vinde, salvai-vos esta noite”; “Tornai-vos cristãos agora mesmo” etc., caracterizam a decisão improvisada.

## Solicitar Decisões do Púlpito

Não condenamos pregar do púlpito para obter decisões, pois se alguém espera conseguir decisões precisa solicitá-las. O principal fator que se deve levar em conta em todas as decisões, é a *preparação* do candidato para essa decisão final.

Isto nos leva à segunda espécie de decisões, conhecidas como *decisões progressivas*. Há decisões feitas passo por passo sobre verdades básicas e fundamentais, apresentadas pelo pregador aos crentes em perspectiva.

A forma da *decisão progressiva* foi o tipo mais usado por Cristo e os apóstolos. Os exemplos disto são abundantes nas Escrituras. O Sermão da Montanha foi uma série de decisões progressivas que Cristo solicitou dos Seus ouvintes, as quais quarenta e dois meses mais tarde culminaram no batismo de três mil pessoas num só dia.

A conversão de Nicodemos ao cristianismo teve início durante uma série de conferências de decisão, proferidas por Cristo nos centros evangélicos dentro e ao redor de Jerusalém. Como resultado dessa série de preleções, a decisão de Nicodemos atingiu seu ponto culminante alguns meses depois, numa tarde de sexta-feira, no mês de abril do ano 31 (S. João 19:39).

Em S. João 4:6-25 encontramos pelo menos dez decisões progressivas que Jesus recomendou que a mulher junto ao poço tomasse antes d’Ele anunciar-lhe a suprema “verdade presente” para aquele tempo, isto é, que ela agora se encontrava diante do próprio Messias (verso 26).

## I. Quatro Principais Decisões Progressivas

Existem quatro principais decisões progressivas que os adventistas do sétimo dia sempre sustentaram como essenciais ao se tomar uma decisão em favor de Cristo.

1. Ser verdadeiro cristão.
2. Guardar o sábado de Cristo (sob o aspecto da Criação e dos Dez Mandamentos).
3. Abster-se do álcool, fumo, carnes imundas, café, chá etc., e aceitar a mensagem do viver saudável — como parte da preparação necessária para o encontro com Jesus.
4. Sair da Babilônia espiritual e pertencer à igreja remanescente de Cristo, atendendo ao derradeiro apelo de Deus ao mundo, baseado em Apocalipse 14:6-12.

## II. Quatro Coisas que Desejamos as Pessoas Façam

1. Ser salvo da culpa consciente e inconsciente do pecado.
2. Demonstrar prontidão para abandonar tudo e seguir a Jesus.



3. Manter a convicção de que se deve obedecer a tôdas as verdades bíblicas.
4. Ser verdadeiro cristão, praticando o que é certo tão logo se tome conhecimento da verdade por intermédio da Bíblia.

### III. *Ao Solicitar Decisões, o Ministro do Evangelho Deve Estar Ciente de que Há Três Classes de Pessoas Ouvindo sua Pregação*

1. Aquêles que nunca seguiram a Cristo.
2. Aquêles que se afastaram de Jesus.
3. Aquêles que seguiram a Jesus até onde chegava a compreensão que tinham de Sua Palavra, e que almejam chegar mais perto do Senhor. (Deve-se exercer grande tato ao apelar para esta classe de pessoas já cristãs. Cumpre lembrar-lhes freqüentemente que não são pecadores impenitentes, mas sim cristãos sinceros que acompanham a luz progressiva da verdade.)

A base de todos os nossos apelos do púlpito, bem como aos indivíduos em particular, consiste mais em que aceitem a mensagem de Deus, do que se unam à Igreja Adventista do Sétimo Dia. A primeira parte é fundamental, a última, secundária.

O melhor método para obter decisões é fazer o que foi declarado por Isaías, o profeta do evangelho: "Sereis colhidos um a um." O pregador deve salientar a importância de que o membro em perspectiva esteja tomando sua própria decisão, ao dar êsse passo.

### IV. *Tipos de Apelos e Chamados ao Altar*

1. Apêlo para aceitar a Cristo.
2. Apêlo para melhorar a vida no lar.
3. Apêlo a que a pessoa se prepare para ir ao Céu.
4. Apêlo para esforçar-se por obter vitória sôbre algum pecado específico.
5. Apêlo para os que se afastaram ou decaíram da fé retornarem ao rebanho.
6. Apêlo para se ter boa vontade em aceitar as doutrinas características.
7. Apêlo a estar preparado para a vinda de Jesus.

### V. *Maneiras de Ajudar as Pessoas a Atender aos Apelos*

1. Convidando-as a levantar-se públicamente no lugar em que se encontram.
2. Convidando-as a levantar a mão enquanto a cabeça está inclinada.
3. Ajudando-as a vir à frente confirmar uma decisão já tomada. Nunca solicitar às pessoas que venham ao altar para tomar uma decisão. Dizer-lhes que já tomaram sua decisão em favor de Cristo ou da verdade, e que agora se achegam ao altar para confirmar aquilo que êles e o Espírito Santo já decidiram.
4. Convidando-as a ajoelhar-se onde estão.
5. Convidando-as a assinar o nome num cartão especial.
6. Convidando-as a estar presentes no primeiro e em todos os cultos de sábado em conexão com uma série de conferências públicas.
7. Pedindo-lhes que tragam a roupa do batismo ao local de reunião (caso se tenha por certo que o número dos indivíduos a serem batizados excederá todos os roupões que foram destinados para isso), ou que a deixem à mão para quando se fizer necessária.

### VI. *Dez Doutrinas Principais que Convém Expor Antes de Pregarmos Sobre o Sábado*

1. "Cristo crucificado pelos nossos pecados."
2. "Cristo ressuscitado dentre os mortos."
3. "Cristo nosso Intercessor perante Deus."
4. "A obra do Espírito Santo."
5. "Sua vinda pela segunda vez, em glória e majestade."
6. "Sua dignidade pessoal."
7. "Profecias de Cristo como o verdadeiro Messias."
8. "Sua preexistência."
9. "A Divindade de Cristo."
10. "A graça de Deus" (em relação aos Dez Mandamentos). (Ver *Evangelismo*, págs. 187 e 246.)

Estas doutrinas devem ser apresentadas sob vários e diferentes títulos pelo ministro que prega para obter decisões.

## Bondade

Escrevei vosso nome com bondade, amor e misericórdia no coração de milhares de pessoas com que vos relacionais cada ano, e nunca sereis olvidados. Vosso nome e vossas obras de bem brilharão como as estrêlas do céu. — *Chalmers*.

# Decisões no Lar

G. H. RAINEY

Secretário Ministerial na União Atlântica — Estados Unidos



**Q**UANDO Napoleão dirigia suas tropas através dos Alpes cobertos de neve até às ensolaradas planícies da Itália, um pequeno tamborileiro foi apanhado por um alude na montanha e lançado dentro duma fenda. Caiu ileso sôbre uma saliência que havia nesse local. Bem acima dêle os soldados continuaram sua marcha. Aquêles que testemunharam o acidente olharam para trás, mas não ousaram desviar-se.

O rapazinho começou a tocar um pedido de socorro em seu tambor, e êles o ouviram. Muitos pais que se encontravam naquele exército francês talvez desejassem que fôsse dada a ordem para socorrer o menino.

Napoleão foi informado do que sucedera, mas que era o destino de um pequeno tamborileiro em comparação com sua grande tarefa de fazer o exército transpor os Alpes? Assim, em vez de dar ordem para salvarem o garôto, exclamou: "Marchai avante!"

O menino notou que o ruído dos passos de seus companheiros se tornava cada vez mais fraco. Quando compreendeu que não viriam acudir-lo, que teria de deitar-se e morrer, começou a tocar sua própria marcha fúnebre. Ouviram-na os veteranos daquele exército, e choraram. Anos mais tarde, comentando o incidente, junto às fogueiras do acampamento, tornaram a derramar lágrimas.

Milhares de pessoas em nossas cidades hoje em dia também tocarão sua própria marcha fúnebre, se não lhes levarmos o evangelho. Isto jamais poderá ser realizado sômente pela pregação. Nós ministros precisamos levar as correntes da água viva àqueles que perecem. Talvez resolvamos fazê-lo realizando conferências públicas em tendas, salões e igrejas, ou ao ar livre. No entanto, grande porcentagem das decisões tomadas pelas pessoas que freqüentam nossas reuniões ocorrem nos lares. Paulo ia de casa em casa, ensinando o povo (Atos 20:20).

Quando o ministro é transferido para nôvo

campo de trabalho, um dos primeiros lugares que visita é a igreja. Depois, para informar-se da cidade e aprender algo acêrca de seus habitantes, talvez percorra as ruas principais, bem como a zona residencial. Mas podemos conhecer melhor o povo, penetrando em seus lares e vendo como vivem, visitando os hospitais, orando com os doentes, dizendo palavras de conforto aos enlutados e aproximando-nos dêles. Foi-nos declarado: "Caso houvesse metade dos sermões e duplicado esforço pessoal feito pelas almas em seus lares e nas congregações, ver-se-ia surpreendente resultado." — *Evangelismo*, pág. 430.

Quais são as vantagens de visitar os lares? O propósito de tôda a visitação aos lares é levar as almas a se decidirem por Cristo. As reuniões públicas não oferecem a oportunidade de chegar a conhecer as pessoas pessoalmente. O plano da visitação aos lares demonstrou ser a mecha que atea a chama que arde no coração dos indivíduos, levando-os finalmente ao batismo.

Mesmo que não realize séries de conferências públicas, o ministro pode conduzir pessoas a Cristo, trabalhando de casa em casa. O pastor que vai aos lares produz membros que vão à igreja. É possível assegurar boa assistência aos sábados, visitando os lares, onde se tem a oportunidade de travar conhecimento com pessoas da família que não pertencem à nossa igreja, e de convidá-las para assistir aos cultos. Na maioria dos casos, êstes parentes sabem algo acêrca de nossa mensagem, e em resultado de visitas pessoais e de tratá-los com cordialidade, podem ser persuadidos a seguir o Senhor no batismo.

Desde a primeira visita devem o ministro e a obreira bíblica começar a obter decisões e criar interêsse nas reuniões futuras. Durante uma campanha evangelística, os indivíduos tomam uma série de decisões. O importante é conseguir uma decisão depois de cada reunião. A melhor maneira de fazer isto é visitá-los e perguntar-lhes como apreciaram a reunião. Precisamos saber se êles resolveram aceitar aquilo que procuramos esclarecer no sermão. Seguindo-se o plano de obter decisões tôda noite de reunião,

o candidato dá um passo de cada vez, e por conseguinte a decisão final para o batismo se torna mais fácil.

A primeira indicação de progresso da parte do candidato ocorre ao observar êle seu primeiro sábado em nossa igreja ou lugar de adoração. Isto de o indivíduo comparecer às reuniões de sábado é boa indicação de que perseverará até o batismo. Neste ponto novamente, deve o obreiro realizar convincente trabalho no lar.

É mister assegurar ao candidato que esta é a mais importante decisão que tomará. A essa altura desejo realçar o valor da aproximação positiva. Mencione-se o fato de que as informações recebidas indicam que grande número de pessoas estará ali para observar seu primeiro sábado, e que se tem certeza de que êle também pretende comparecer. As pessoas gostam de ouvir o que os outros estão fazendo. Se alguns dos conhecidos dêsse indivíduo resolveram assistir à reunião de sábado, é bom mencionar seus nomes, pois será de proveito. Convém informá-lo de que se tem orado para que Deus o impressione a estar presente nesta primeira celebração do sábado. Geralmente a pessoa nos dirá que pretende apresentar-se ali. Uma carta pessoal, agradecendo-lhe por sua decisão e assegurando que a bênção divina o acompanhará ao guardar seu primeiro sábado, será apreciada. Cordial apêto de mão e algumas palavras bem escolhidas após a reunião do sábado de manhã, muito contribuirão para encorajá-lo e trazê-lo de volta no sábado seguinte.

Outra evidente vantagem da visitação pessoal consiste em que ela permite conhecer o indivíduo tão bem que se pode ter acesso ao seu coração mediante o amor. Êste conhecimento íntimo ajudará a levá-lo à decisão, pois aprendeu a apreciar quem o visita. O obreiro tem de ser a própria essência do amor e da bondade. Também se vem a conhecer de antemão seus hábitos e pontos fracos, podendo-se assim ajudá-lo em seus problemas. Talvez seja esta a razão de as pessoas que se unem à igreja jamais se cansarem de falar acêrca daquele que as conduziu a Cristo.

Ajudar o indivíduo a tomar a decisão de abandonar o fumo e as bebidas alcoólicas, exige que o obreiro apresente os motivos porque essa pessoa deve deixar êstes hábitos. Razões de saúde, família e dinheiro são boas, mas mostrar que o corpo é habitação de Deus, e que o Senhor não habita em templos ímpuros, impressiona mais a alguns (ver I Cor. 3:16 e 17). Procure-se induzir o candidato a assumir um compromisso com Jesus. Se êle declara querer acabar com os vícios que tem, diga-se-lhe que Jesus ouviu seu desejo e está pronto a ajudar. Cumpre mostrar-lhe que deve fazer sua parte. Precisa estar disposto a afastar o cigarro dos lábios e a manter sua promessa a Deus. A parte do Senhor consistirá em remover o desejo. Torne-se claro que

Deus não pode fazer Sua parte sem que o indivíduo faça o que lhe compete. O compromisso pode então ser confirmado pela oração, solicitando auxílio do Céu. Depois, deve-se falar com esta pessoa ou visitá-la diariamente, até ela alcançar a vitória.

O programa de visitação pessoal produz amor pelas almas. Aquêles que se encontram em nossa lista de visitas não são apenas nomes; são indivíduos que se tornam parte de nosso ser. A cabeceira da cama deve ser um recanto de oração, ao lutarmos cada noite com Deus em favor dêles. Sugiro que estendamos êstes nomes sobre a cama e mencionemos cada um na oração, como fez Ezequias com a carta que recebeu de Senaqueribe. Deus ainda atende às orações. João Knox orou: "Dá-me a Escócia, ou morro." Ao orarmos por determinada família, mencione-mo-la pelo nome. Isto é trabalho pessoal da mais elevada espécie. Quando visitamos alguém, digamos-lhe crer que Deus o guiou ao conhecimento da verdade e que o escolheu com um propósito em vista. Sendo êle uma alma sincera, não quererá dizer Não a Deus, desapontando-O destarte.

Importa que todo obreiro saiba quando conseguir a decisão. Não convém tentar obtê-la antes que a pessoa esteja preparada. Havendo sido apresentadas as verdades probantes e achando nós que ela está pronta para dar êsse importante passo, incitemo-la à decisão. Removamos tôda objeção, indicando-lhe a medida certa a ser tomada. Caso não se obtenha uma decisão logo no começo, deve-se propor orar sobre o assunto. Ao levantar-se da oração, aperte-se-lhe a mão, dizendo: "Sei que o senhor tomará a resolução acertada em favor de Deus. Farei de sua decisão objeto de muita oração hoje à noite, e voltarei amanhã para ver qual será sua resposta." É provável que se obtenha a resposta no dia seguinte.

Durante a Guerra de Secessão, um regimento de Indiana foi enviado para a frente de batalha sem que os recrutas tivessem passado por qualquer treinamento. Receberam ordens para atacar. Quando depararam com o fogo do inimigo, hesitaram, interromperam o tiroteio e recuaram. Mas um jovem soldado continuou a avançar. Ouvira a ordem de capturar o entrancheiramento. Quando pulou dentro da vala, defrontou-se com um artilheiro pronto para disparar a arma. Agarrou-o imediatamente, deu-lhe algumas voltas e encontrando-o sozinho, partiu para o seu regimento, levando o prisioneiro. O inimigo não atirou, temendo matar seu próprio soldado; assim o recruta inexperiente voltou com segurança. Perguntando-lhe os atônitos companheiros onde apanhara aquêle homem, respondeu: "Ora, lá em cima! E há muitos outros ali. Cada um de vocês poderia ter pêgo um, se tão-somente houvesse avançado." Salvar almas, meus cole-

gas, é trabalho pessoal. A mesma espécie de serviço precisa ser efetuada a fim de conseguir decisões para Cristo.

A menos que o pregador se introduza nos lares e ganhe almas para Cristo mediante empenho pessoal, sua obra será fraca, não importa quão grande êle seja no púlpito. "Não é o pregar o mais importante; é o trabalho feito de casa em casa, raciocinando sôbre a Palavra, explicando-a. São os obreiros que seguem os métodos de Cristo que hão de conquistar almas para sua recompensa." — *Obreiros Evangélicos*, (3ª ed.), pág. 468. "Sendo sociáveis e aproximando-vos bem do povo, podereis mudar-lhes a direção dos pensamentos muito mais facilmente do que pelos mais bem feitos discursos. A apresentação de Cristo em família, e em pequenas reuniões em casas particulares, é muitas vêzes mais bem

sucedida em atrair almas para Jesus, do que sermões feitos ao ar livre, às turbas em movimento, ou mesmo em salões e igrejas." — *Idem*, pág. 193.

Lembremo-nos de que Cristo usava o contato pessoal para obter decisões. Algumas das maiores lições ensinadas por Êle foram proferidas a uma pessoa sômente. Se a mulher de Samaria pôde ser usada para obter decisões em favor de Cristo, certamente nós obreiros devemos experimentar o contato pessoal. Se o fizermos, talvez alguém nos diga: "Hoje houve salvação nesta casa" (S. Luc. 19:9).

Como o tamborileiro do exército de Napoleão, executaremos o toque de livramento ou a marcha fúnebre. Os tambores estão em nosso poder. Que som tiraremos dêles?

## OBRA PASTORAL



# O Que o Membro Leigo Espera do Pastor

WERNER ROLOFF

Ancião da Igreja Central de São Paulo

(Tema apresentado aos obreiros da Associação Paulista reunidos em Concílio Ministerial no GAC)

1. *Pontualidade* — no chegar à Igreja, no começar e terminar os cultos, comissões etc. Seu exemplo será seguido pelos membros.
2. *Coriesia* — que a todos cumprimente, ainda que seja com um gesto, de longe.
3. *Delicadeza* — ao falar, ao chamar, na transmissão de ordens, enfim, no trato com tôdas as pessoas.
4. *Afabilidade* — que tenha um sorriso para todos.
5. *Amabilidade* — que seja amoroso com os sofredores, com os jovens e as criancinhas do rebanho.
6. *Cavalheirismo* — que seja atencioso, fino nas maneiras, principalmente para com as senhoras e visitas.
7. *Instrução* — que seja estudioso, que use bom português, boas ilustrações e que esteja sempre a par dos acontecimentos mundiais referentes à nossa fé; que seja um homem lido, lógico e bom argumentador.
8. *Gratidão* — que se mostre agradecido por tôda cooperação ainda que pequena, lembrando-se que "um muito obrigado" sempre agrada.
9. *Dição* — que tenha voz educada e saiba usá-la adequadamente.
10. *Apresentação* — que se vista à altura de sua santa missão, pronto a apresentar-se como pastor em qualquer emergência. Que evite os trajes esportivos e berrantes.
11. *Lealdade* — que seja sincero, reto e honesto, sem sombra de dualidade ou hipocrisia.
12. *Imparcialidade* — no julgamento, na escolha de oficiais, na disputa, na contenda entre irmãos, nas comissões, visando sempre e unicamente o bem-estar geral da Igreja.

13. *Cooperação* — que trabalhe ombro a ombro com os seus colegas, com os oficiais da Igreja e com seus superiores, lembrando-se sempre que a obra não é somente sua.
14. *Discernimento* — que saiba apreciar sensatamente as coisas, sendo um bom conselheiro a todos, principalmente aos jovens na idade da adolescência, aproveitando sábia-mente as oportunidades para ministrar conselhos.
15. *Ensino* — que além de pregador, seja ensinador da doutrina; metódico, brando, longânimo e perseverante.
16. *Liberalidade* — que seu exemplo seja de molde a inspirar todos a serem liberais nas boas causas.
17. *Economia* — que administre com sabedoria o dinheiro sagrado da Igreja, bem como o seu próprio para que não entre em dificuldades ou dívidas.
18. *Tolerância* — que seja tolerante para com os que erram, lembrando-se do exemplo divino.
19. *Firmeza* — para os que amam o pecado e nele permanecem, depois de admoestados, que seja firme em repreendê-los.
20. *Longanimidade* — que seja longânimo para com os tentados e faltosos até onde o aconselhe a prudência.
21. *Compaixão* — que seja compassivo para as ovelhas enfêrmas de seu rebanho, para os que estão em lutas, para os pobres e desanimados.
22. *Paciência* — que demonstre esta virtude em face de ofensas ou maltratos, lembrando-se de Cristo, seu exemplo.
23. *Amizade e companheirismo* — que seja amigo e companheiro de todos, principalmente dos jovens e fracos na fé.
24. *Hospitalidade* — que exerça esta qualidade com prudência e amor cristão, dando preferência aos pobres e aos que não têm lar.
25. *Sociabilidade* — que não viva retraído, isolando-se, mas que visite os irmãos e compartilhe de sua vida social.
26. *Visão* — que tenha larga visão nos planos e empreendimentos da Igreja, que empreenda grandes coisas para Deus.
27. *Confiança* — que demonstre confiança nos seus superiores e nos seus auxiliares na Igreja; confiança gera confiança.
28. *Dedicação* — que dedique todo o tempo ao seu sagrado trabalho; nenhum negócio, nenhum outro interesse, senão o de ganhar almas, deve absorvê-lo.
29. *Linguagem* — quer na vida pública ou particular espera-se do pastor linguagem elevada, isenta de gírias e anedotas. Seja o seu falar sempre edificante e irrepreensível.
30. *Coerência* — ser coerente é viver o que se prega; que o pastor nunca exija de alguém o que êle próprio não estaria disposto a fazer.
31. *Política* — que sua única política seja a da boa-vizinhança; que se abstenha de qualquer política dentro ou fora da obra.
32. *Influência* — que sua influência seja agradável, de modo a atrair as pessoas à verdade; que seja um cheiro de vida para vida.
33. *Discrição* — que seja reservado nos seus atos e palavras, que saiba guardar um segredo; que seja discreto em questões de fôro íntimo e de família; que seja mais pronto a ouvir do que a falar.
34. *Apoio* — que apoie todo bom plano, venha donde vier, e que esteja disposto a trabalhar unido, dando o devido valor a todos os que o auxiliam, livrando-se dessa maneira do egocentrismo.
35. *Doutrina* — que seja um defensor das doutrinas e normas da Igreja, contribuindo para a unidade da fé, não dado a extremos, mas equilibrado, realçando sempre a bem-aventurada esperança — que é a segunda vinda de Cristo.
36. *Evangelismo* — que seja ardoroso evangelista e não somente pastor de gabinete. Que saiba inflamar a Igreja para a salvação de almas, revelando profunda preocupação pelo mundo que perece sem o conhecimento da verdade — compaixão pelas almas.
37. *Devoção* — que não descuide, mesmo em meio de muito trabalho e campanhas, de sua vida íntima com Deus. Que seja um homem de oração!

## Cristo Exige o Que nos é Mais Precioso

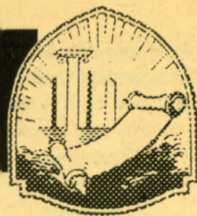
O pastor duma grande igreja pregou eloqüente e comovedor sermão missionário, sôbre o tema: "Eis-me aqui, envia-me a mim." Depois que o culto terminara e a família dêste ministro já se encontrava em casa, sua encantadora filhinha aproximou-se dêle, declarando:

— Papai, após aquêle sermão resolvi ser missionária no estrangeiro!

Sem perceber o que estava dizendo, exclamou o ministro:

— Mas, querida, eu não me referia a *você*!

Cristo pede que Lhe entreguemos o que nos é mais chegado e precioso. — *Meditations on New Testament Symbols.*



## Informações Úteis a Respeito do Credo

PROF. VÍCTOR E. AMPUERO MATTA

Redator-chefe da Casa Editora Sul-Americana



**M**UITOS milhões de leais católicos repetem o Credo como expressão de sua fé e também o fazem como quem eleva uma oração. Tem muita importância conhecê-lo, entendê-lo e saber explicá-lo.

Lemos no *Diccionario de Religiones*, de E. Royston Pike

(editado pelo Fundo de Cultura Econômica, México-Buenos Aires, 1960), que o Credo é “o mais antigo símbolo da fé cristã. Embora não tenha sido redigido pelos próprios apóstolos, está baseado quase com toda a certeza no ensino apostólico. É o ‘antigo credo romano’ conservado no ritual batismal da Igreja Católica. Por volta do ano 390, Rufino, sacerdote de Aquilêia, afirmou ser a regra de fé composta pelos apóstolos em Jerusalém. Difere só ligeiramente do credo de Marcelo, bispo de Ancira, que este enviou a Júlio, bispo de Roma, numa carta escrita em 340.” (Artigo sobre o Credo, pág. 106.)

No *Catecismo del Santo Concilio de Trento para los Párrocos* (edição de Valença, em 1782) ensina-se que foi composto pelos apóstolos, e que eles o chamaram símbolo. Esta afirmação contradiz o que é exposto sobre o assunto no *Diccionario de Religiones*. Não há dúvida de que a própria Igreja Católica reconhece não ser verdade que provenha dos dias apostólicos, e esse reconhecimento é posterior à data dessa edição do *Catecismo del Santo Concilio de Trento para los Párrocos* (1782).

Lemos a respeito na *Enciclopedia Espasa*: “A lenda da origem apostólica do Credo, no tocante à redação de suas fórmulas, foi inventada no quarto século, e nele tomou incremento.” (Vol. 16, pág. 52.)<sup>1</sup>

Atualmente, nos catecismos divulgados pela Igreja Católica, o Credo aparece desta maneira:

“Creio em Deus Pai Todo-poderoso, Criador do céu e da Terra. E em Jesus Cristo, Seu único Filho, nosso Senhor; o qual foi concebido pelo poder do Espírito Santo, nasceu de Santa Maria Virgem, padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado; desceu aos infernos; ao terceiro dia ressuscitou dos mortos; subiu aos céus e está sentado à mão direita de Deus Pai Todo-poderoso, donde há de vir a julgar os vivos e os mortos. Creio no Espírito Santo, na santa Igreja Católica, na comunicação dos santos, na remissão dos pecados, na ressurreição da carne e na vida eterna. Amém.”

### Antigüidade do Credo

Desde quando existe realmente esta fórmula de fé? Os autores católicos crêem que o Credo é de venerável antigüidade (últimos anos do Século I, ou os dois primeiros decênios do Século II). Argumentam que não restaram documentos desde a própria origem do Credo devido à chamada “disciplina do arcano”, isto é, o costume de não divulgar certas crenças cristãs aos pagãos, para que não as profanassem. Afirma-se que esse costume durou até os Séculos III e IV.

Os autores protestantes não lhe atribuem tanta antigüidade. Até os dias de Irineu e Tertuliano (175-200) não encontramos nenhum resumo definido das crenças cristãs. Poderíamos presumir, e presumir com acerto, que existiram antes tais resumos, e também que foram apresentados aos candidatos ao batismo sob a forma dos *Traditio Symboli* (Símbolos ou credos próprios do Ensino ou Doutrina); mas nenhum de tais resumos pode ser encontrado na literatura cristã anterior a este período.” — *Encyclopaedia Britannica*, Vol. 6, pág. 558, edição de 1893.

Filipe Schaff, erudito autor protestante do Século XIX, professor do Seminário Teológico União, de Nova York, define com bastante precisão a época desde a qual se pode saber com certa exatidão que existiu o Credo (chamado dos Apóstolos): "Se consideramos, pois, o texto atual do Credo dos Apóstolos como um todo completo, torna-se-nos difícil rastrear-lo mais para lá do Século VI, com certeza não mais além da terminação do Século V, e seu triunfo sobre todas as outras formas na Igreja Latina não foi completo até o Século VIII, aproximadamente o tempo em que os bispos de Roma se esforçaram por conformar as liturgias das igrejas ocidentais com a romana." — *Creeds of Christendom*, Vol. 1, pág. 19, edição de Nova York, 1931.

### Alterações do Credo

No que diz respeito às alterações, diremos que no *Antigo Símbolo Romano* (que se afirma proceder do fim do Século I) não figura a palavra "Santa" aplicada à Virgem Maria. Nêle não se ensina que Cristo houvesse descido "aos infernos". Tampouco se pede que os fiéis creiam em uma igreja "Católica", mas sim numa igreja santa (*sanctam ecclesiam*).

Traduzido para o português, reza o *Antigo Símbolo Romano*: "Creio em Deus Pai todo-poderoso, e em Jesus Cristo Seu Unigênito, Senhor nosso, que nasceu do Espírito Santo e de Maria Virgem, o qual sob Pôncio Pilatos foi crucificado e sepultado, ao terceiro dia ressuscitou dos mortos, ascendeu aos Céus, está sentado à destra do Pai, donde há de vir para julgar os vivos e os mortos; e no Espírito Santo, na santa igreja, na remissão dos pecados, na ressurreição da carne." Se se fizer uma comparação com o Credo atual, ver-se-á que as principais alterações são as três que consignamos no parágrafo anterior.

Quanto à descida "aos infernos", é-nos dada a informação de que apareceu pela primeira vez no Credo (nos países ocidentais influenciados por Roma), no chamado "Símbolo de Aquilêa".<sup>2</sup> Sua data é determinada ao redor do ano 400 D.C. O adjetivo "católica", acrescentado à igreja, aparece pela primeira vez nos escritos de Nicetas de Remesiana (também chamado Nicéias), que viveu entre os anos 335 e 414 aproximadamente, e Fausto de Riez, que viveu no Século V.

Cumprido notar que nas quatro profissões de fé de Tertuliano, denominado "doutor da igreja", não figura a palavra "Santa" antes de *Virginem Mariam*. Também nada é dito quanto a haver Cristo descido "aos infernos". Tampouco é ensinado que se deve crer na "santa Igreja Católica". Tertuliano nasceu em Cartago (África) no ano 160 e morreu aproximadamente em 240.<sup>3</sup>

Deve-se levar em conta igualmente que no

*Antigo Símbolo (Credo) Romano*, de que se deriva o Credo atual, não aparece a palavra "Santa" aplicada à Virgem Maria; também não se menciona a descida "aos infernos"; e somente diz "Santa Igreja", sem acrescentar o adjetivo "Católica".

Os autores católicos salientam que não tem havido "modificações" no Credo, mas sim "acréscimos". Com efeito, é realmente assim. E os acréscimos favorecem os ensinamentos de origem católica na mente daquele que repete o Credo sem conhecer seus antecedentes históricos e sem saber exatamente o significado das palavras que está pronunciando. Seria diferente se fôsse repetido tal como consta em suas formas mais remotas, o *Antigo Símbolo Romano*, por exemplo.

Há outro fato que merece ser mencionado. O Credo denominado "Niceno-Constantinopolitano" procede do Credo formulado no Primeiro Concílio de Nicéia (ano 325) e elaborado novamente no Primeiro Concílio de Constantinopla (ano 381). Pois bem, este Credo, em sua forma original (chamada nicena), não contém qualquer das dificuldades ocasionadas pela crença na descida "aos infernos" e a aceitação de uma igreja "católica". Também ensina que Cristo "foi encarnado", mas não menciona a bem-aventurada Virgem Maria como ser privilegiado em que Ele Se encarnou.

Nos acréscimos efetuados no Concílio de Constantinopla se diz que foi encarnado "pelo Espírito Santo em Maria Virgem". Nada se declara quanto à descida "aos infernos". E prescreve, como artigo de fé, a crença na "igreja única, santa, católica e apostólica".

### Exame do Texto Atual

Não obstante, mesmo considerando o Credo assim como é ensinado atualmente, e tal qual o repetem milhões de católicos, nenhum adventista teria a mínima dificuldade em aceitar que se chame "Santa" à bem-aventurada Virgem Maria (assim como chamamos santo ao apóstolo Paulo, por exemplo).

No tocante à descida "aos infernos", importa saber que a palavra latina *infernus* significa simplesmente "a parte de baixo", embora também seja empregada nos relatos mitológicos romanos como o nome de um lugar de castigo para os réprobos. Para ser exatos e justos na tradução, com qual dos dois significados ficaremos? Convém saber que São Jerônimo (331-420), tradutor da *Vulgata*, quando teve que traduzir a palavra grega *hades* para o latim, usou o vocábulo *infernus*. (Ver S. Mat. 11:23; 16:18; S. Luc. 16:23; Atos 2:27 e 31; Apoc. 1:19; 6:8; 20:13 e 14.) *Hades* e *infernus* têm o claro significado de "sepulcro", "tumba"; um lugar onde é colocado o morto, para baixo. No que respeita à palavra *Gehenna* (de origem hebraica), usada no Nôvo

Testamento grego, São Jerônimo não a traduziu: deixou-a como estava nessa língua, fazendo a transliteração correspondente para o latim. (Ver S. Mat. 5:22, 29 e 30; 18:9; 23:15 e 33; S. Tia. 3:6.)<sup>4</sup>

A diferença é, pois, indubitável. A tumba é uma coisa, e o lugar de castigo é outra, no sentido que se dá atualmente à palavra "inferno". O Senhor Jesus desceu ao sepulcro, porém não permaneceu ali. Essa doutrina de Sua ressurreição é sumamente importante, mas não tem relação com um inferno como hoje se entende. Portanto, só em interpretar como "sepulcro" a palavra "inferno" do Credo, já está legitimamente resolvido esse problema.

Quanto ao adjetivo "católica" aplicado à igreja, tampouco deve ser motivo de dificuldade, pois seu significado é "universal". Nesse sentido não deveria haver causa de discrepância. Todos nós cristãos podemos admitir que a igreja de Cristo é "universal".

Em vista destas explicações, bem poderemos entender em seu verdadeiro sentido o Credo que

os católicos repetem. Recordemos também que, em suas origens, foi um tanto diferente de como se apresenta agora. Mesmo como aparece atualmente, não há verdadeiros motivos de discrepância, desde que se deixe bem estabelecido o significado da descida "aos infernos" e o que indica o adjetivo "católica".

1. A palavra "lenda" provém do latim e significa "o que se lê". E, pois, um relato tradicional sem documentação clara e exata. Contudo, na lenda devem existir elementos de verdade (em divergência com o "mito" que é pura ficção). Infelizmente, há um elevado número de "lendas piedosas" nas quais superabundam elementos inventados com o propósito de dar-lhes maior autoridade, antigüidade e validez.

2. Aquilêia: Antiga cidade (hoje italiana) fundada pelos romanos em 162 A.C., nas proximidades do Mar Adriático. Seu patriarcado foi importante até 1750, quando foi suprimido pelo papa Benedito XIV.

3. As informações referentes às quatro profissões de fé de Tertuliano e ao Antigo Símbolo Romano, foram colhidas da *Enciclopedia Espasa*, Vol. 16, págs. 49 a 70.

4. As informações acerca da diferença de tradução efetuada por São Jerônimo, foram obtidas do magnífico *Novum Testamentum Graece et Latine*, dos eruditos Eberhard e Ervino Nestle.

## Mundo Faminto

(Continuação da pág. 4)

Há alguns anos passados, vários periodistas do "Paris Presse" organizaram um falso acidente de automóvel em uma movimentada estrada. Durante 42 minutos, passaram ao lado do acidente simulado, sem se deter, 51 veículos de diferentes marcas. Nenhuma preocupação revelaram por ajudar as supostas vítimas, que simulavam estar feridas ou mortas. Finalmente, o motorista de um caminhão se deteve, animado pelo desejo de socorrer os feridos.

Quanta insensibilidade! Quão intensa é a fome do coração em um mundo embrutecido pelo egoísmo!

"Se abrires a tua alma ao faminto, e fartares a alma aflita, então a tua luz nascerá nas trevas, e a tua escuridão será como o meio-dia." Isa. 58:10. Que promessa alentadora!

Dentro dos limites de nossas possibilidades, através do Departamento de Assistência Social da Igreja e por meio de Sociedades Caritativas locais, estamos atendendo ao lancinante clamor dos famintos.

Entretanto, como arautos da verdade, mensageiros do evangelho, necessitamos acelerar as nossas atividades a fim de apresentar aos homens o Único capaz de satisfazer a fome da mente e do coração, a saber: "Jesus, a esperança da glória."

Assistimos em nossos dias ao cumprimento

parcial de uma mui significativa predição: "Eis que vêm dias, diz o Senhor Jeová, em que enviarei fome sobre a terra, não fome de pão, nem sede de água, mas de ouvir a Palavra do Senhor." Amós 8:11.

Multidões aflitas e desesperadas estão enlanguescendo na mais melancólica inanição espiritual. E num tempo como este as palavras de Jesus ressoam com um significado novo e profundo: "Dai-lhes vós de comer."

Milhões estão sucumbindo à míngua de esperança e amor. Não têm o necessário para suprir a fome da mente e do coração. Mas nós, que recebemos o Pão da vida, temos o dever intransferível de partilhá-lo com os famintos, os que definham sem Deus e sem esperança no mundo.

Que estamos fazendo? A voz suave de Jesus se faz ouvir com extraordinária ressonância: "Dai-lhes vós de comer."

"O valor do cristão não depende de seus brilhantes dons, de sua nobre estirpe, de suas maravilhosas capacidades, mas de um coração puro — um coração purificado e refinado, que se não exalta a si mesmo, porém que, contemplando a Cristo, reflete a imagem da divindade, há muito perdida." — *Evangelismo*, pág. 136.



# Cristo Nosso Senhor-III

W. E. READ

Ex-Diretor da Revista "Israelite"



**T**ÓDAS as palavras usadas no hebraico e no grego, que foram traduzidas por "gerado", "primogênito" e "unigênito", referiam-se principalmente ao nascimento natural. Às vezes, como já foi declarado, foram empregadas num sentido simbólico. Neste artigo ocupar-nos-emos particularmente da palavra grega *monogenes*, que a Edição Revista e Atualizada no Brasil traduz por "único" (S. Luc. 7:12; 9:38); "unigênito" (S. João 3:16; Heb. 11:17). Na *Versão dos Setenta* encontra-se esta mesma palavra, *monogenes*, que em português aparece como:

"predileta" (Sal. 22:20; 35:17).

"filha única" (Juí. 11:34).

Na literatura apócrifa também se notam os seguintes exemplos:

"filha única" (Tobias 6:10).<sup>1</sup>

"único" (Livro da Sabedoria 7:22).<sup>2</sup>

Como observação preliminar, pode-se concluir que *monogenes* realça a idéia de único, sem-par, alguém que é estimado ou honrado acima dos demais na família. Entretanto, depois consideraremos esta parte mais diretamente.

Enquanto isso, notemos o seguinte:

1. *Sentido e Significado de Monogenes*

a. Que a idéia de filho "amado" faz parte do significado de *monogenes*, vê-se no caso de Abraão e Isaque.

Lemos em Hebreus 11:17:

"Pela fé Abraão, quando pôsto à prova, ofereceu Isaque; estava mesmo para sacrificar o seu unigênito (*monogenes*) aquêle que acolheu alegremente as promessas."

Mas a *Versão dos Setenta* diz assim: "Toma teu filho querido (*agapeton*), a quem amas (*egapesas*) — Isaque." Gên. 22:2.

b. Além disso, por ocasião desta experiência Isaque não era o único filho de Abraão; havia Ismael, que também era seu filho (Gên. 16:15; 17:23, 25, 26 etc.). Este estava com catorze anos de idade ao tempo da grande prova de fé de Abraão. Alguns têm argumentado que havia

uma diferença entre êles, pois Isaque era filho da esposa de Abraão, bem como o filho da promessa. Isso é verdade, mas tanto Ismael como Isaque eram realmente filhos de Abraão; destacar Isaque não era o "unigênito" de seu pai, no sentido físico da palavra.

Josefo refere-se a este ponto. No livro *Antiquities*, Vol. 20, capítulo 2, seção 1, há uma nota ao pé da página, feita pelo compilador, que declara:

"Josefo emprega aqui a palavra *monogenes* (*filho unigênito*), para descrever aquêle que é *mais amado*, como fazem tanto o Velho como o Nôvo Testamento, nos casos em que há um ou mais filhos além dêsse um (Gên. 22:2; Heb. 11:17)."

Isto é realçado pelo fato de que embora Jesus seja chamado "Filho unigênito", também se faz menção d'Ele como "o Meu Filho amado" (S. Mat. 3:17) e "Seu Filho amado" (S. Mar. 12:6). Em S. Luc. 3:22 aparece a expressão "Filho amado", mas num manuscrito grego, o *Codex Bezae*, é empregada a palavra "unigênito" em vez de "amado". Esta versão foi adotada por Justino Mártir em seu "Diálogo com Trifo", cap. CIII, e por Clemente de Alexandria, em sua obra *Instructor*.<sup>3</sup>

Quão mais significativo, pois, dar a "unigênito" (*monogenes*) o sentido de "mais ou muito amado"!

c. Até o verbo grego *gennao*, a palavra mais freqüentemente usada para gerar, nascer etc., é às vezes empregada simbolicamente. Há diversos exemplos disto, mas destacaremos os seguintes:

(1) Produzir ou engendrar contenda e discórdia — "Repele as questões insensatas e absurdas, pois sabes que só *engendram* contendas." II Tim. 2:23.

(2) Descrever a conversão, ou o ato de passar das trevas para a luz — "Todo aquêle que crê ... é *nascido* de Deus." I S. João 5:1 e 18.

(3) Indicar o princípio da sabedoria — "Antes de haver outeiros, eu *nasci*." Prov. 8:25.

(4) Descrever a origem de Jerusalém — "A tua origem e o teu nascimento *procedem* da terra dos cananeus." Ezeq. 16:3.

(5) Descrever o ato de forjar más ações — “*Concebem o mal.*” Isa. 59:4.

(6) Expressar o nascimento duma nação (Isa. 66:8).

(7) Expressar a investidura do Rei Messias — “*Eu Te gerei das entranhas da manhã.*” Sal. 110:3, segundo a *Versão dos Setenta*.

(8) Descrever a aceitação de Cristo como Senhor — “*Pelo evangelho vos gerei em Cristo Jesus.*” I Cor. 4:15. Em vista destes exemplos e do fato de que *gennao* é usado simbolicamente, caso este verbo aparecesse em S. João 3:16 em lugar do vocábulo *monogenes*, não precisaria causar dificuldades aos crentes. Em seus antigos escritos os judeus também admitiam que “o indivíduo que se tornou um prosélito é semelhante a uma criança recém-nascida.”<sup>4</sup>

d. O significado de *monogenes* é revelado ainda em sua aplicação a Cristo nosso Senhor, em S. João 3:16, 18 etc. Mas como já mencionamos no presente artigo, este termo foi usado com referência a Isaque, tendo mais o sentido de “muito amado”. Portanto, em relação a Jesus, a ênfase não pode ser dada apenas do ponto de vista de *único*; consiste mais no pensamento de que Cristo é supremamente amado, sem igual e incomparável, o “dom inefável” do amor de Deus para com a humanidade.

Outro ponto importante e decisivo é a própria palavra *monogenes*. Compõe-se ela de duas outras — *monos*, significando “único” ou “um só”, e *genos*. Esta última é uma palavra interessante, e muitos pensam que provém do verbo *gennao*, cujo significado principal e literal dá a idéia de nascimento, nascer, ser gerado etc. No entanto, cumpre observar que em *genos* há um *n*, ao passo que em *gennao* há dois. Segundo consta, sucede assim praticamente tôdas as vezes que este vocábulo é empregado e em qualquer forma que apareça.

e. À luz das considerações anteriores, podemos compreender melhor o verdadeiro significado de *monogenes*, principalmente ao ser aplicado a Jesus, o Messias.

*Monogenes*, proveniente de *monos* (um só, único) e *genos* (de *ginomai*), não se refere a nascer ou ser gerado, mas indica a qualidade inigualável da pessoa a quem se aplica.

Consideremos agora a palavra *monogenes* na literatura secular. Citaremos apenas alguns exemplos.

*Nos escritos de Platão:*

Em sua obra *Timaeus* 31 B, lemos que o céu é “único (*monogenes*) em sua espécie.” Nesta mesma obra 92 C, referindo-se novamente ao céu, menciona êle a “*exclusividade* de sua espécie.” A tradução encontra-se na Loeb Classical Library.<sup>5</sup>

*No livro Sabedoria de Salomão:*

Falando da sabedoria, o autor declara haver nela um “espírito de inteligência, santo, único (*monogenes*) etc. (7:22). Tanto a Bíblia católica de Figueiredo como a de Matos Soares, traduzem esta palavra para “único”.<sup>6</sup>

*Na Epístola de Clemente:*

Faz êle alusão a “certa ave chamada Fênix. Esta é a única (*monogenes*) de sua espécie.”<sup>7</sup>

Mencionemos agora algumas referências bíblicas, segundo aparecem em várias traduções. Devido à controvérsia acêrca do vocábulo “unigênito”, ocorrida através dos séculos, alguns tradutores favorecem este termo, mesmo em versões modernas. Alguns porém assumem o ponto de vista expresso acima, como pode ser notado a seguir:

f. Destaquemos quatro textos da *Versão dos Setenta* sôbre o emprêgo de *monogenes* — Juí. 11:34 (“filha única”) e Sal. 25:16 (“filho único”); Sal. 22:20 e 35:17 (“unigênito”). No último versículo a Edição Revista e Atualizada no Brasil traz a palavra “predileta”. Em 14 versões da Bíblia na língua inglesa, *monogenes* é traduzido 7 vezes por “unigênito”, 16 por “filho ou filha única”, 12 por “único”, 8 por “predileto” e cêrca de 20 vezes por outras palavras, como “vida”, “solitário” etc.

No Nôvo Testamento, veja-se êstes quatro textos — S. João 1:14; 3:16 e 18; I S. João 4:9. Em 30 traduções diferentes *monogenes* é mais freqüentemente traduzido por “unigênito”, mas em grande número de versões aparece como “filho único”, “primogênito” etc.

Nas traduções francesas, principalmente nas versões de Osterward e Segnod, encontra-se a palavra “único” em vez de “unigênito”. O mesmo sucede vom a Vulgata, que consigna *unicus*.

Em sua excelente obra, Moulton e Milligan dão a seguinte explicação de *monogenes*:

“*Monogenes* significa literalmente ‘único no gênero’, ‘singular’, ‘único’, ... não ‘unigênito’, que seria *monogenetos*. ... E ... usado no Nôvo Testamento em referência a filhos ‘únicos’ ... , sendo aplicado desta maneira em sentido especial a Cristo ... , onde se dá ênfase ao pensamento de que Êle, como o ‘único’ Filho de Deus, é sem igual e capaz de revelar plenamente o Pai.”<sup>8</sup>

Isto realça um ponto importante. Como já foi mencionado, *monogenes* provém de *monos* — “único”; e *genos* de *ginomai*. Se a idéia fôsse realmente “unigênito”, no sentido da descendência física, a palavra usada provavelmente seria *monogenetos*, em que *gennetos* derivaria de *gennao*.

g. Em vista da importância desta conclusão, apreciemos o seguinte trecho sôbre esta vital palavra *monogenes* usada em S. João 3:16.

Tomás Scott:

“A segunda pessoa da sagrada Trindade pode ser mencionada como ‘o Filho unigênito’; porquanto nos conselhos eternos foi designada para ser a Imagem, o Representante e Revelador do Deus invisível, ao homem, em tôda época e dispensação. E nossa compreensão d’Êle, como Filho, indubitavelmente deveria restringir-se à Sua

participação na natureza divina, e o ato de representá-la ao homem; de modo que 'quem viu o Filho, viu também o Pai'." 9

Não parece haver dúvida de que ao ser aplicada a Jesus, esta palavra significa Alguém fora do comum e sem igual. Note-se os seguintes testemunhos de duas bem conhecidas autoridades na língua grega.

"Único (no gênero) de algo que é o exclusivo exemplo de sua categoria. . . Na literatura joanina, *monogenes* é usado apenas com referência a Jesus. A significação de *único* pode ser perfeitamente adequada para tôdas as vezes que aparece ali." 10

"Não há dúvida de que a expressão 'unigênito' indica uma nuança da palavra grega *monogenes*, que raramente é salientada. . . Quando Cristo é denominado *monogenes huios*, não se dá ênfase ao fato de que Ele como Filho 'nasceu' ou foi 'gerado' . . . , mas sim ao fato de que Ele é o 'único' Filho, de que como Filho de Deus é sem igual. Os tradutores latinos estavam certos ao traduzirem essa expressão por . . . *Filius unicus* (filho único), não por *Filius unigenitus* (filho unigênito)." 11

Na verdade, como algumas traduções expressam o pensamento, Jesus de Nazaré, nosso Senhor e Salvador, foi realmente *único*. Era diferente de qualquer outro ser no universo. Permanece sem igual, como o Único que na qualidade de Deus Se tornou homem, sendo, enquanto estava na carne, tanto Deus como homem. Ele era "Emanuel . . . Deus conosco" (S. Mat. 1:23). Era único na Sua relação para com o Pai em Sua natureza divina; no fato de que revelou o Pai; no fato de que é nosso único Salvador e Redentor; no fato de que era sem pecado, não só em Sua natureza divina, mas também em Sua natureza humana.

H. R. Reynolds, no *The Pulpit Commentary*, realça este pensamento da imparidade de Jesus, lembrando-nos de que no transcurso dos séculos jamais houve alguém como Ele.

"A afirmação deste verso, no entanto, é inteira e absolutamente inigualável. O pensamento é completamente novo. Strauss declara-nos que a concepção apostólica de Jesus não tem valor histórico, devido a representar um estado de coisas que não ocorre em nenhuma outra parte da História. É exatamente isto que os *crístãos sustentam*. Ele, no mais profundo sentido, é incomparável na história da humanidade." 12

Em virtude do que foi mencionado atrás, quão mais significativa se torna a palavra *monogenes*! Pensamos nela, não como indicando nascimento ou geração humana, mas sim como acentuando a natureza e a elevada dignidade de Cristo nosso Senhor. Assim, podemos parafrasear S. João 3:16 deste modo:

Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o Seu Filho, Aquêle que é incomparável e tão maravilhoso que ninguém O pode descrever, para que todo o que n'Ele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.

## REFERENCIAS

1. Livro de Tobias, in *The R. S. V. apocrypha* (Nova York; Thos. Nelson & Sons, 1957).
2. Livro da Sabedoria, tradução de Matos Soares.
3. Justino Mártir, *Dialogue With Trypho*, cap. 103; e Clemente de Alexandria, *The Instructor*, Vol. 1, cap. 6, 1º parágrafo, em *The Ante-Nicene Fathers*, Vol. 1.
4. Talmude *Yebamoth* 21a, ed. Socino.
5. Platão, *Timaeus*, 31b e 92c, em *Loeb Classical Library*.
6. Livro da Sabedoria de Salomão, tradução de Matos Soares.
7. Clemente, *First Epistle to Corinthians*, em ANF, Vol. 1, cap. 25. Ver também *Constitutions of the Holy Apostles*, Vol. 5, 1ª seção, cap. 7, em ANF, Vol. 7.
8. Moulton e Milligan, *Vocabulary of the Greek New Testament*, pág. 416.
9. Tomás Scott, sobre S. João 1:18, *Commentary on the New Testament*, Vol. 1, pág. 482.
10. W. F. Arndt e F. W. Gingrich, *Greek-English Lexicon of the New Testament*, artigo "*Monogenes*".
11. Fernando Kattensbusch, *Dictionary of Christ and the Gospels*, artigo "Only Begotten".
12. H. R. Reynolds, sobre S. João 1:14, em *Pulpit Commentary*.

## Princípios Básicos . . .

(Continuação da pág. 23)

fecias da abundância e paz do Éden restaurado, encontrarão seu verdadeiro cumprimento quando os santos herdarem a Terra renovada.

A igreja cristã, formada por indivíduos provenientes de tôdas as nações, e não só da nação judaica, é agora o veículo para transmitir a bênção divina ao mundo. Seu dirigente é Cristo, o Filho de Davi, que domina agora no coração de Seu povo, e que um dia dominará pessoalmente no Seu reino eterno. Ela é "o reino de Deus . . . dentro em vós" (S. Luc. 17:21), que não vem "com visível aparência" ["aparência exterior" — trad. de Almeida antiga] (verso 20), mas cresce como o grão de mostarda (S. Mat. 13:31 e 32). Este é o reino espiritual ao qual devemos pertencer agora, se quisermos desfrutar as bênçãos do futuro reino de glória.

De maneira que as profecias do reino cumprir-se-ão finalmente, não em face de pecado e arrependimento, de nascimento e morte, de guerra e calamidade, mas na nova Terra. E o cumprimento final no reino eterno de Cristo superará tudo o que foi prometido ao Israel de tempos antigos. — *Questions on Doctrine*, págs. 225-234.

\* É interessante notar que as palavras "cumpridas estas coisas" e "voltarei e" não se encontram no texto hebraico de Amós 9:11, que começa assim: "Naquele dia levantarei o tabernáculo caído de Davi." A expressão de Tiago, "voltarei e reedificarei", ou é citada de um texto original diferente do livro de Amós, ou é uma parafrase, exatamente semelhante ao idioma hebraico comum, em que o verbo "voltar" (*shub*: "tornar atrás") amiúde é usado para expressar uma reversão de atitude ou uma simples repetição. Isto é, "voltar e fazer" algo, pode apenas significar fazê-lo outra vez. Esta expressão às vezes é traduzida literalmente, como: "Voltei, e considerei tôdas as opressões" (Ecl. 4:1; comparar com o cap. 4:7 e 9:11 — *King James Version*); "Voltarei, e terei compaixão" (Jer. 12:15 — *KJV*); "Quem sabe se não se voltará e se arrependirá . . ." (Joel 2:14). Muitas vezes "voltar e" é simplesmente traduzido por "tornar a", por exemplo: "Tornou a edificar (heb. "voltou e edificou") os altos que Ezequias, seu pai, havia derribado" (II Crôn. 33:3).

# Um Dicionário e os Adventistas

ARNALDO B. CHRISTIANINI

Secretário-Tesoureiro da Missão Mineira



VIMOS, com satisfação, sair a lume o muito anunciado léxico hebraico-português, de autoria do Sr. Sábado Dinotos, israelita nascido em nosso país, e militante em atividades culturais. Por certo, a existência de um calepino com verbetes hebreus transpostos em nossa língua, ser-nos-á cômodo na consulta de palavras em busca de significado, evitando-se o manuseio do surrado "Hebrew-English" de R. Avinoam, ou outros congêneres, o que exige uma tradução adicional do vocábulo inglês para o português. Cansativo e maçante o cotejo obrigatório de três idiomas de índole desigual entre si.

O "Dicionário Hebraico-Português", de S. Dinotos, constitui, sem dúvida, trabalho pioneiro — primeira obra, no gênero, publicada em nosso idioma. Composta e impressa na Imprensa Metodista, tem o mérito, de uma façanha tipográfica digna de nota. Sabido é que inexistem caracteres hebraicos em nossas gráficas. Além disso requer-se linotipista, paginador e revisor especializados. Nosso mestre W. Kerr, de saudosa memória, precisou mandar compor nos Estados Unidos sua conhecidíssima gramática.

A feitura gráfica do dicionário não é, contudo, perfeita. Nota-se que foram utilizados tipos fundidos das letras consonantais hebraicas, mas os sinais massoréticos foram desenhados à mão e depois se fizeram clichês, o que se torna evidente à vista de traços mal desenhados, irregulares, sem a perfeição e simetria com que aparecem nas Bíblias impressas. Em algumas letras, êstes sinais são grossos demais ou muito junto delas, e, às vezes, por excesso de tintagem na impressão, chegam a formar pequenos borrões, prejudicando a clareza da palavra. Nota-se, particularmente, a irregularidade do *qameç gad-hól*. (°)

O curioso é que, na bibliografia citada, consta o "Seventh-Day Adventist Bible Dictionary," e nos prolegômenos, no "Agradecimento", refere-se à Igreja Adventista "pelos conselhos, sugestões, esclarecimentos, fornecimentos de dados." Desta forma nossa igreja é incluída entre outras entidades colaboradoras na elaboração do léxico,

o que é de estranhar-se dados os poucos adventistas cultores do hebraico no Brasil.

Procurando fugir ao ramerrão dos dicionários comuns, o autor cita, não raro, o sentido do vocábulo em outras línguas, faz exposições etimológicas. À guisa de exemplo, citamos:

"SHEMAGUE, gorduras, citadas em Gên. 27:28. O mesmo que em japonês *abura*, e em inglês *fat*."

"SHEMESH, Sol, o astro solar... Corresponde ao grego *fos*, *fotos* e ao russo *svet*, e Pitheu o emprega no sentido de "luminosidade."

No entanto, às vezes, o autor descamba para a inexactidão e para a fantasia. Eis um exemplo:

"ON, Ísis, a deusa egípcia que formava ao lado de Rá, e de Osiris, a trindade egípcia — da qual era um dos sacerdotes o sogro de José (Gên. 41:50). (Obs.: Desde os Setenta que esta palavra vem sendo vertida de forma errada, dando-lhe o sentido de 'Cidade de On' ou Heliópolis)."

Ora, a bem da verdade deve-se dizer que a trindade egípcia se constituía de Ísis, Osiris e Hórus. A divindade Rá (Amon-Rá) era distinta e separada, deus solar, patrono de Tebas, *mas não integrava a trindade mitológica*.

Outro "cochilo", bem mais grave, encontra-se no corpo do comentário que faz do verbete IAVE (Jeová). Dentre os complexos e discutíveis significados que apresenta para o Nome Inefável, há êste disparate: "Deva, o ser sagrado da religião hinduísta. O inimigo da religião mazdeísta contrário a Ormuzde, que, erroneamente, para o cristianismo significava o diabo." Isto, além de absurdo, chega a ser irreverente!

Outra fantasia onomástica o autor tece em torno do verbete Aser. Eis um trecho:

"ASHER, nome próprio e masculino de Atílio, nome de um filho de Tiakos e de Sílvias, que se constituiu numa tribo que, levada para o exílio, se localizou no Mediterrâneo, atualmente chamada Itália."

Aí está uma fábula. Troca-se sem-cerimoniosamente os nomes bíblicos de Aser, Jacó e Zilpa, respectivamente por Atílio, Tiakos e Sílvias. E finaliza o comentário do verbete:

"A Itália (Asher) é a tribo que figurava a 'vara de ferro' com a qual o mundo seria regido antes que os povos fossem congregados de novo."

Noutro lugar, verte o nome próprio Rubem por Lusitano.

Como o dicionarista afirma que, entre outros, os adventistas lhe deram orientação, não cremos, nem remotamente, que algum escritor ou obreiro nosso lhe tenha dado orientação desta espécie.

# Os Adventistas do Sétimo Dia Respondem a PERGUNTAS SÔBRE DOCTRINA

## Princípios Básicos de Interpretação Profética

(Continuação)

**A**S promessas da restauração estavam relacionadas com a volta do exílio. Até que ponto se cumpriram estas predições, após o cativeiro babilônico? Ciro concedeu o privilégio do regresso a "todo o seu povo" (Esdras 1:3), o que também incluía todos os adoradores de Jeová entre as tribos do Norte. E sob esse decreto e os posteriores, vários grupos de exilados voltaram. Reconstruíram o Templo e reorganizaram a nação judaica em conformidade com sua própria lei (Esdras 6:14 e 15; 7:11-26) — sujeita à Pérsia, naturalmente. Mas os livros de Esdras, Neemias, Ageu, Zacarias e Malaquias mostram como eles não atingiram o objetivo da restauração apresentada sob o novo concerto.

Em vez de levá-los a buscar o Espírito de Deus, seu zelo pela lei redundou em legalismo e exclusividade. A promessa do retorno cumpriu-se; mas esse retorno foi restrito. Mesmo o Templo que eles construíram era apenas um edifício modesto em comparação com o que existira antes. O glorioso reino não se realizou na condição semi-independente sob o Império Persa e sob o domínio macedônico, nem no breve intervalo de independência sob os governadores macabeus. Finalmente veio a sujeição a Roma.

---

Melhor ficaria se o dicionarista se limitasse exclusivamente ao significado básico dos verbetes hebraicos, sem deformá-los às vezes com interpretações nefelibatas.

Estes senões, no entanto, não desmerecem o valor da obra no seu sentido lexicográfico, e será muito valiosa para os estudiosos do *Sephat ebêr*.

(9) Sinal da vogal *a*, fechada.

9. O REINO DO MESSIAS É OFERECIDO E REJEITADO. — Então chegou o Messias. O Carpinteiro de Nazaré começou a pregar: "O tempo está cumprido e o reino de Deus está próximo." S. Mar. 1:15. O que Jesus oferecia era a bênção do novo concerto, do coração renovado em que habitasse o Espírito. Isto, porém, parecia um desapontamento para os judeus. Durante tanto tempo haviam pôsto o coração nos aspectos materiais das profecias do reino, que olvidaram o espiritual. Desejavam independência de Roma — até vingança — mas não queriam que a lei do amor lhes fôsse escrita no coração. Almejavam conquistar os gentios, porém não se interessavam em ser uma fonte de bênção para tôdas as nações. Lembravam-se do rei que devia assentar-se no trono de Davi, mas esqueciam-se do Servo Sofredor. Conseqüentemente, ao vir o Messias, não puderam reconhecê-Lo, e não quiseram o Seu reino quando este lhes foi oferecido por Ele.

Se os judeus tivessem aceitado o novo concerto e o reino que o Messias apresentava; se em vez do pequeno número de seguidores que Jesus enviou ao mundo para transmitir Sua mensagem, pudesse Ele contar com tôda a nação, regenerada e consagrada, para usá-la na evangelização do mundo, que vitórias, que bênçãos, que recompensas poderiam advir-lhes sob a liderança do Filho de Deus! O Senhor ainda estava disposto a usar Seu povo escolhido como instrumentos de bênção, tal qual sucedera nos dias dos profetas da antiguidade. Eles, porém, não o quiseram.

10. O ISRAEL LITERAL SUBSTITUÍDO PELA IGREJA CRISTÃ. — Jerusalém não conheceu o tempo de sua visitaçào, por isso sua casa ficaria "deserta" (S. Mat. 23:38), e o rejeitado Senhor chorou pelo que sucederia a ela.

Embora a destruição demorasse quarenta anos a vir, não houve arrependimento para evitar a ruína da nação. Não foi feita qualquer afirmativa, como antes (Jer. 5:10 e 18), de que a destruição seria apenas temporária. Os servos que reiteradas vèzes maltrataram os profetas, acabaram crucificando o Filho do Proprietário da vinha, sendo portanto desapossados. O próprio Filho proferira a sentença sôbre eles: "O reino de Deus vos será tirado e será entregue a um povo que Lhe produza os respectivos frutos." S. Mat. 21:43. Muitos viriam do Oriente e do Ocidente, para assentar-se com Abraão, Isaque e Jacó, em lugar dos rejeitados filhos do reino (S. Mat. 8:11 e 12). Estes proviriam dentre os gentios e demonstrariam ser mais autênticos "filhos de Abraão," do que os judeus, pois praticariam "as obras de Abraão" (S. João 8:39).

Quando a grande corporação da declarada descendência de Abraão — a corporação oficial — rejeitou seu Rei, o Mediador do nôvo concêrto, êles inevitavelmente se separaram do reino messiânico e do concêrto. Os únicos judeus que conservaram estas relações, foram os remanescentes (Rom. 11:5), aquêles que aceitaram o Messias e se tornaram o núcleo da igreja cristã; êstes eram os verdadeiros filhos de Israel. A êles juntaram-se os conversos gentios, os ramos da "oliveira brava" que foram enxertados no tronco original, em lugar dos ramos naturais que se haviam quebrado (Rom. 11:16-24).

Assim, a rejeição da nação de Israel não invalidou as profecias ou interrompeu a linha do povo escolhido de Deus. "Não... que a Palavra de Deus haja falhado," mas os "filhos da carne" foram substituídos pelos "filhos da promessa" (Rom. 9:6 e 8) — a descendência espiritual de Abraão.

**11. APLICAÇÕES DO NÔVO TESTAMENTO ÀS PROMESSAS DO REINO.** — A partir de então, os que são filhos de Abraão pela fé — todos os que são de Cristo, tanto judeus como gentios — têm sido herdeiros das antigas promessas (Gál. 3:7, 8, 16 e 29). Ambas as classes da descendência de Abraão, judeus e gentios, hão de receber as promessas abraâmicas. Paulo não declara que as promessas do *reino terrestre*, feitas a Israel, pertencem aos judeus, e que as promessas do *reino celestial* pertencem aos cristãos, antes fala da herança do *mundo* por *tôda* a descendência:

"Não foi por intermédio da lei que a Abraão, ou a sua descendência coube a promessa de ser herdeiro do mundo; e, sim, mediante a justiça da fé... Essa é a razão por que provém da fé, ... a fim de que seja firme a promessa, para tôda a descendência, não sômente ao que está no regime da lei, mas também ao que é da fé que teve Abraão (porque Abraão é pai de todos nós...) Rom. 4:13 e 16.

Além disso, o cristão pertence ao reino de

Cristo (Col. 1:13; S. Tia. 2:5; Apoc. 1:6). Jesus Cristo foi prometido como o Rei davidiano relativo ao concêrto nôvo ou eterno (Ezeq. 37:21-28; S. Luc. 1:32 e 33; comparar com Zac. 9:9-11; S. Mat. 21:4-9). Mediante Seu sacrificio, tornou-Se Êle o mediador dêsse concêrto (Heb. 8:6-13; 12:24; 13:20; comparar com S. Mat. 26:28; S. Mar. 14:24; S. Luc. 22:20). É óbvio, portanto, que os cristãos são herdeiros das profecias do nôvo concêrto bem como do reino do nôvo concêrto.

Que a igreja é agora o povo do concêrto, o povo escolhido, é indicado claramente pela aplicação que dois escritores do Nôvo Testamento fazem da promessa original aos filhos de Israel, no Sinai. Pedro, dirigindo-se aos "cristãos", como começavam êles a ser chamados, disse:

"Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus." I S. Ped. 2:9. Escrevendo aos cristãos *gentios* (ver o verso 10), êle cita quase literalmente Êxodo 19:5 e 6 (Pedro emprega as mesmas palavras gregas para "sacerdócio real" que ocorrem na *Versão dos Setenta* para a expressão hebraica "reino de sacerdotes"). João escreve aos cristãos da Ásia Menor acêrca de Jesus, que "nos constituiu reino, sacerdotes para o Seu Deus e Pai." Apoc. 1:6. Além disso, descreve êle o cântico dos remidos no Céu como sendo: "Digno és", pois nos "constituíste reino e sacerdotes." Apoc. 5:9 e 10. Ambos os escritores, portanto, aplicam à igreja cristã — e não especificamente aos cristãos judeus — a promessa do concêrto feita a Israel, uma promessa condicional a que a nação de Israel deixou de fazer jus, devido a haver rejeitado o Messias.

Por que aplicam êstes escritores inspirados as profecias do reino de Israel aos cristãos não israelitas? Acaso não será por que o verdadeiro Israel não é mais a nação judaica, mas sim a igreja cristã? O fato de que Paulo se refere ao "Israel segundo a carne" (I Cor. 10:18) indica que existe um Israel que não é segundo a carne. Em diversas passagens, torna êle claro o que quer dizer quando faz alusão ao verdadeiro Israel. Em primeiro lugar, menciona que nem todos os judeus pertencem a Israel — "Nem todos os de Israel são de fato israelitas." Rom. 9:6. Noutra lugar dá esta definição do verdadeiro judeu: "Não é judeu quem o é apenas exteriormente," mas antes "aquêle que o é interiormente, e circuncisão a que é do coração." Rom. 2:28 e 29.

O sinal do verdadeiro israelita, portanto, é um coração circuncidado. Que isto não se refere só aos judeus de coração circuncidado, evidencia-se pelo verso 26: "Se, pois, a incircuncisão observa os preceitos da lei, não será ela, porventura, considerada como circuncisão?" Assim, o cristão gentio pode ser considerado como

verdadeiro israelita, se bem que não literal. Legalismo? Como pode ser, se Deus enviou Seu Filho "para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito" Rom. 8:4)? Aos filipenses, explica ele o que significa a verdadeira circuncisão: "Porque nós é que somos a circuncisão, nós que adoramos a Deus no Espírito, e nos gloriamos em Cristo Jesus, e não confiamos na carne." Filip. 3:3. Olhando para o contexto desta frase, vê-se claramente que Paulo está definindo a verdadeira circuncisão.

As declarações anteriores revelam distintamente que Paulo ensinava que o verdadeiro Israel — não o Israel segundo a carne, mas o Israel segundo o Espírito — compõe-se tanto de judeus como de gentios, não somente dos filhos da carne mas também os da promessa, circuncidados não na carne mas no coração (Rom. 9:8).

Ademais, Paulo dirige-se aos cristãos que outrora eram gentios, a quem os judeus segundo a carne ainda chamavam de "incircuncisão" (Efés. 2:11). Antigamente estes cristãos estavam "separados da comunidade de Israel, e estranhos às alianças da promessa" (verso 12). Agora, porém, em Cristo, por meio do qual tinham acesso a Deus pelo Espírito, não eram mais "estrangeiros e peregrinos, mas concidadãos dos santos", e membros "da família de Deus" (verso 19). Em outras palavras, tornando-se cristãos, deixaram os gentios de ser estranhos e ficaram concidadãos dos santos e herdeiros das alianças da promessa. Por conseguinte, os cristãos colhidos dentre os judeus e gentios, pertencem à verdadeira comunidade de Israel. É assim que "todo o Israel será salvo" (Rom. 11:26).

**12. CUMPRIMENTO DAS PROFECIAS DO REINO.** — Naturalmente, surge a pergunta: Se a igreja cristã é herdeira das promessas e dos concertos, onde se deve esperar o cumprimento das profecias que não se realizaram no Israel literal? Na igreja primitiva, na igreja atual ou na igreja do futuro?

Onde quer que as profecias do reino sejam definitivamente aplicadas pelos escritores do Novo Testamento a certas ocorrências na igreja, é evidente que estaremos seguros em seguir-lhes as interpretações inspiradas. Pedro observa que a predição de Joel referente a visões, sonhos e prodígios entre o remanescente de Israel cumpriu-se, pelo menos parcialmente, nas maravilhas da igreja primitiva, sob o derramamento do Espírito (Atos 2:16-21; comparar com Joel 2:28-32).

Ao mencionar a decisão do concílio realizado em Jerusalém, Tiago cita uma profecia de Amós concernente à restauração de Israel, aplicando-a aos primeiros gentios convertidos à igreja:

"Expôs Simão (Pedro) como Deus primeiro visitou os gentios, a fim de constituir dentre eles um povo para o Seu nome. Conferem com isto as palavras dos profetas,

como está escrito: Cumpridas estas coisas, voltarei e reedificarei o tabernáculo caído de Davi; e, levantando-o de suas ruínas, restaurá-lo-ei. Para que os demais homens busquem o Senhor, e todos os gentios sobre os quais tem sido invocado o Meu nome, diz o Senhor." Atos 15:14-17; (Comparar com Amós 9:11 e 12).

Em outras palavras, declara Tiago: A predição de Amós referente ao que ocorreria quando fôssem "cumpridas estas coisas" \* (quer dizer, depois do tempo de Amós), começou a cumprir-se na conversão dos gentios, no tempo do apóstolo Pedro. Isto é, a profecia da restauração da casa de Davi e de os gentios buscarem o Senhor, está-se cumprindo agora na expansão da igreja para abranger os gentios. O texto de Amós é citado como uma profecia da restauração do reino de Davi e da incorporação dos "gentios" nesse reino (Amós 9:11 e 12); é óbvio porém que Tiago a aplica figuradamente ao desenvolvimento da igreja de Cristo, o Filho de Davi.

Pedro encontra na "pedra angular" de Isaías 28:16 uma predição de Jesus como a principal Pedra angular (I S. Ped. 2:6) da "casa espiritual" em que os cristãos são edificados como "pedras que vivem" e como "sacerdócio santo", a fim de oferecer "sacrifícios espirituais" (verso 5).

Num breve trecho (II Cor. 6:16-18), Paulo cita várias profecias relacionadas com o novo concerto e a restauração prometida ao antigo Israel — frases tiradas de Jer. 31:33 (comparar com Jer. 32:38; Ezeq. 11:19 e 20; 37:27); Isa. 52:11; e Jer. 31:9.

As aplicações à igreja da época presente, naturalmente são figuradas. Muitas das profecias que não se realizaram nos tempos do Velho Testamento, cumprir-se-ão, algumas delas literalmente, em conexão com a segunda vinda de Cristo, ou depois dela. Mas o fato de que escritores inspirados fizeram aplicações figuradas demonstra que não podemos exigir um cumprimento literal em todos os pormenores.

A igreja cristã, portanto, é uma "nação santa", não constituída de uma única raça ou nacionalidade, mas de todos os indivíduos que voluntariamente se põem sob a relação do novo concerto com o seu Senhor. Destarte, suas bênçãos não consistem em prosperidade nacional, conquistas territoriais, ou vitórias sobre invasores. A promessa de Ezequiel acerca do livramento do Israel pós-exílico das hostes de Gogue, não se cumpriu literalmente, mas no Apocalipse é ela aplicada à destruição final dos inimigos de Deus e de Seu povo, após o milênio.

O glorioso Templo descrito por Ezequiel, não pode encontrar o seu cumprimento na igreja, pois os tipos e sombras sacrificiais cessaram no sacrifício antitípico de Cristo na cruz do Calvário. Em lugar dele temos o ministério sacerdotal do Filho de Deus no santuário "não feito por mãos", no próprio Céu.

Outrossim, a promessa de que a descendência de Abraão herdaria o mundo, bem como as pro-

(Continua na pág. 19)



# NOTÍCIAS – Da Imprensa

## Pastôres, Não Psiquiatras

PASTÔRES são pastôres e não psiquiatras ou “conselheiros pessoais”, declararam em Carlota, Carolina do Norte, dois oficiais da beneficência social luterana. O Dr. Henrique H. Cassler, diretor do programa clínico e pastoral da Divisão NLC de Beneficência Social, afirmou que em anos recentes considerável número de ministros protestantes abandonaram seus deveres habituais, para empenhar-se em atividades particulares, como conselheiros. Embora alguns tenham dado êsse passo depois de anos de preparo, disse êle, outros ingressaram nessa esfera de ação “inteiramente despreparados”. Sugeriu o Dr. Cassler que as igrejas examinem a condição dos ministros que dedicam todo o seu tempo, ou parte dêle, a atividades particulares nesse setor. Existe “grande diferença” entre os conselhos pastoraes que o dirigente duma paróquia dá a um de seus paroquianos, e os “conselhos pessoais” dos ministros que se tornaram conselheiros profissionais, declarou êle. Acrescentou ainda: “A igreja não somente tem a obrigação de proteger a si mesma, mas também deve lembrar-se da pessoa aflita e perturbada que pensa estar recebendo ajuda da igreja, ao tornar-se cliente dum conselheiro particular”. “Os capelões têm a responsabilidade de conservar a missão do pastor e de não manchá-la adotando a nomenclatura e o desempenho das profissões de auxílio, como a psiquiatria, a psicoterapia e a obra de assistência social.”

## Sacerdote Católico Como Professor de Escola Dominical Protestante

EM Seattle, Washington, a escola dominical para adultos duma igreja protestante tem novo professor — o sacerdote católico-romano, padre Miguel Taylor, S. J., professor assistente de teologia na Universidade Seattle. Êle irá dar uma série de doze aulas dominicais para êsse grupo. O sacerdote jesuíta salienta que a série não visa absolutamente obter conversões para o catolicismo. Segundo declarou, sua finalidade é inteirar um maduro grupo protestante “dos pontos mais

luminosos da doutrina católica e, possivelmente, desenvolver certa consideração pela fé católica, removendo alguns preconceitos infundados.”

## A Bíblia Sendo Lida de Fio a Pavo Através do Rádio

PELA primeira vez na história do rádio, a Bíblia tôda, sem quaisquer omissões, está sendo lida do princípio ao fim, através da estação W O R, em Nova York, por Galeno Drake, conhecido comentador filosófico. Como uma apresentação de utilidade pública por parte dessa emissora, tôdas as semanas, de segunda a sexta-feira, às 11:45 da noite, o Sr. Drake durante 15 minutos lê uma porção da Bíblia. Calcula que levará dois anos para completar a leitura.

## Negligenciando os Filhos

PREEMINENTE senhora religiosa do Estado de Arcansas acusou as mães americanas de “fazer por negligência o que os russos fazem por intenção social” — dissolver a tradicional vida de família. A Sr<sup>a</sup> E. D. Galloway, presidente da Sociedade de Senhoras Religiosas de Arcansas, salientou que as mulheres russas entregam seus filhos durante o dia a creches, por se verem obrigadas a isso, ao passo que as mulheres americanas o fazem voluntariamente.

## Paróquia Católica Adota o Sistema do Dízimo

HOLY SOULS, a maior paróquia da Diocese Católica-Romana de Little Rock, Arcansas, é a primeira dessa Sé a adotar o dízimo como meio de sustentar a igreja. O monsenhor Francisco A. Allen anunciou que 300 homens da paróquia pretendem tomar providências para que cada trabalhador assalariado “dedique a Deus os primeiros 10 por cento de sua renda total.” “O Todo-poderoso jamais tencionou que a Igreja fundada por Êle dependesse de quermesses, festanças, rifas e jogos de azar, para a sua manutenção”, declarou êle.